



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
LILIAN CIPRIANO KAUTNICK

ARTICULAÇÃO ENTRE EPISTEMOFILIA E SAÚDE MENTAL DE UM SUJEITO

Palhoça
2009

LILIAN CIPRIANO KAUTNICK

ARTICULAÇÃO ENTRE EPISTEMOFILIA E SAÚDE MENTAL DE UM SUJEITO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de graduação em Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina como pré requisito parcial para obtenção de título de Psicólogo.

Orientadora: Prof. Maria do Rosário Stotz, Dra.

Palhoça

2009

LILIAN CIPRIANO KAUTNICK

ARTICULAÇÃO ENTRE EPISTEMOFILIA E SAÚDE MENTAL DE UM SUJEITO

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Psicólogo e aprovado pelo Curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Palhoça, 23 de junho de 2009.

Prof. Orientadora Maria do Rosário Stotz
Universidade do Sul de Santa Catarina.

Prof. Gabriela Luiza Campos Alexandria
Universidade do Sul de Santa Catarina.

Prof. Tânia Vanessa Nöthen Mascarello
Universidade do Sul de Santa Catarina.

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma articulação entre epistemofilia e saúde mental, tendo seu referencial teórico pautado na psicanálise, abordando principalmente os conceitos de pulsão e sublimação e também aspectos teóricos acerca da saúde mental. A epistemofilia é originária da curiosidade sexual infantil. Um de seus possíveis destinos, mais precisamente o terceiro destino, é considerado o mais satisfatório, pois essa curiosidade é sublimada desde o início em pulsão de saber. A articulação com a temática de saúde mental se dá por meio da sublimação, considerada tanto uma defesa quanto um mecanismo capaz de promover a substituição de um objeto sexual em um objeto não sexual valorizado socialmente. Este trabalho é classificado como uma pesquisa exploratória de delineamento bibliográfico, que teve por objetivo verificar quais implicações da epistemofilia na saúde mental podem ser percebidas em ações realizadas por sujeitos. Para atingir esse objetivo, utilizou de fichamentos que, posteriormente, foram analisados a partir de categorias delimitadas a priori e de subcategorias destas, criadas a posteriori. No processo de análise, essas subcategorias foram articuladas entre si e à luz do referencial teórico. A partir da pesquisa feita, constatou-se que a investigação intelectual possui sua energia na epistemofilia. A epistemofilia evoca uma busca por conhecer, que é inerente à própria vida humana e, a partir de ações realizadas nessa busca, pode ter influência nos principais processos sublimatórios: a arte, a religião, o pensamento científico e atividades laborais. Pode mesclar-se a outras atividades sublimadas, devido à plasticidade pulsional. Outro fator observado consiste na relação da pulsão epistemofílica com a aprendizagem e aquisição do conhecimento, que envolve questões emocionais que trazem sofrimento. Essa relação consiste também numa elaboração do luto do conhecimento, e acaba colocando em foco uma mistura entre sofrer e conhecer e que, devido à energia pulsional via sublimação da pulsão epistemofílica, gera uma satisfação pela valorização social. Percebe-se que a pulsão sexual, através da sublimação em epistemofilia, encontra uma meta, um novo alvo que promove a saúde mental.

Palavras-chave: Fatores psicológicos. Saúde mental. Epistemofilia.

LISTA DE SIGLAS

CAPS – CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL

CFP – CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA

ESF – ESTRATÉGIA DE SAÚDE NA FAMÍLIA

OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE

PSM – PROGRAMA DE SAÚDE MENTAL

SUS – SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE

TCC – TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

UNISUL – UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
1.1 TEMA.....	6
1.2 PROBLEMÁTICA	7
1.3 OBJETIVOS.....	13
1.3.1 Objetivo Geral	13
1.3.2 Objetivos Específicos.....	13
1.3.3 Descrição Operacional dos Termos	13
1.4 JUSTIFICATIVA	14
2 REFERENCIAL TEÓRICO	18
2.1 SAÚDE MENTAL	18
2.2 PULSÃO.....	21
2.3 SUBLIMAÇÃO.....	23
3 MÉTODO	26
3.1. CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	26
3.2. FONTES DE INFORMAÇÕES	27
3.3. INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS	27
3.4 ANÁLISE DOS DADOS	28
3.4.1 Situação e ambiente da análise	28
3.4.2 Equipamentos e materiais.....	29
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	30
4.1 FATORES PSICOLÓGICOS QUE CONTRIBUEM NA SAÚDE MENTAL	30
4.2 TRABALHOS CIENTÍFICOS QUE RELACIONAM EPISTEMOFILIA E SAÚDE MENTAL	39
4.3 AÇÕES REALIZADAS POR SUJEITOS E SUSTENTADAS NA EPISTEMOFILIA...	39
4.4 RELAÇÃO ENTRE FATORES PSICOLÓGICOS E AÇÕES SUSTENTADAS NA EPISTEMOFILIA	42
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS	50

1 INTRODUÇÃO

O curso de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) tem sua grade curricular estruturada de forma a possibilitar ao acadêmico a aprendizagem em duas áreas diferentes de atuação do psicólogo. A partir da oitava fase, os acadêmicos fazem a opção por um dos dois Núcleos Orientados oferecidos: Núcleo do Trabalho e Núcleo da Saúde, dentro dos quais há projetos diferenciados, com enfoques específicos dentro dessas duas áreas temáticas.

A presente pesquisa está vinculada ao Núcleo da Saúde, em particular ao Projeto Time da Mente, no qual a atuação está voltada especificamente à saúde mental. Este projeto tem por objetivo promover e/ou resgatar a saúde mental de sujeitos com transtorno mental. Os locais de estágio são compostos pelo Centro de Saúde Bela Vista, no município de São José/SC, e pelo Centro de Atenção Psicossocial II (CAPS), no município de Palhoça/SC. As atividades realizadas neste projeto visam tanto ao atendimento individual quanto ao atendimento em grupo, orientação a familiares ou cuidadores de pacientes com transtorno mental, bem como capacitação para profissionais e comunidades relacionada à temática de saúde mental.

A proposta desta pesquisa consiste na articulação entre saúde mental e epistemofilia. Para tanto, encontra-se estruturada em cinco capítulos. No primeiro capítulo, ou introdução, são apresentados: tema, problemática, objetivo geral, objetivo específico e justificativa. O segundo capítulo compõe-se do referencial teórico que visa embasar esta pesquisa. O terceiro capítulo trata da questão metodológica: o tipo de pesquisa quanto aos objetivos, natureza e delineamento, bem como a forma de coleta de dados e análise dos mesmos. O quarto capítulo trata da apresentação e análise dos dados. O quinto capítulo consiste nas considerações finais.

1.1 TEMA

Epistemofilia e Saúde Mental

1.2 PROBLEMÁTICA

O conceito de saúde é concebido de formas diferentes ao longo da história e foi influenciado pelos modos de produção. A saúde coletiva, pautando-se em projetos preventivos, passa a ser implantada à medida que o sistema econômico precisa manter a saúde das pessoas para que, dessa forma, a produção e a rentabilidade sejam garantidas. O campo da saúde coletiva inicia sua estruturação, no Brasil, a partir da década de 1970, através de formação de recursos humanos, avanço na saúde e tecnologia, possibilitando práticas e conhecimentos tanto teóricos quanto políticos. (NUNES, 2006).

De igual forma, a concepção de saúde mental é perpassada por contextos históricos, e foi sendo organizada em conformidade com a representação de saúde de cada época. Ao se falar em saúde mental, remete-se a uma grande área de conhecimento e de ações com caráter multiprofissional amplo. (LANCETTI; AMARANTE, 2006)

Historicamente, a primeira forma de organização psiquiátrica foi o alienismo ou alienação mental de Philippe Pinel¹. No século XVII, os asilos, ou hospitais, serviam de depósitos para os sujeitos que se encontravam à margem da sociedade, ou seja, não eram economicamente ativos. Pinel fez com que houvesse uma separação entre as patologias existentes nesses locais e passou-se a acreditar que seria adequado manter os portadores de transtornos mentais internados, pois, dessa forma, não causariam danos à sociedade e nem a si mesmos. Surge a idéia da periculosidade da loucura. O isolamento era entendido como importante para esse sujeito, porque, através do tratamento moral aplicado (conjunto de regras impostas), ele conseguiria se reorganizar psiquicamente. (LANCETTI; AMARANTE, 2006)

Contudo esse modelo não conseguiu atender seu objetivo de reorganizar internamente o sujeito e o que ocorreu foi uma série de maus tratos sofridos pelos internos desse sistema. Surgiram críticas e propostas de mudanças na forma de atendimento aos portadores de transtornos mentais, mas sempre pautadas pela idéia que o local terapêutico é o hospital. A partir de então, iniciou-se um processo em que o sujeito poderia ser ouvido e ser agente em seu próprio tratamento, embora esse continuasse sendo realizado em regime de internato, ou seja, isolado da sociedade. (LANCETTI; AMARANTE, 2006)

¹ Philippe Pinel, considerado pai da psiquiatria. (LANCETTI; AMARANTE, 2006)

* Neste trabalho, ao citar-se Freud, optou-se por destacar o ano de construção do texto, por se entender que é fundamental a cronologia da obra. Destaca-se que a fonte das Obras Completas é: STRACHEY, J, SALOMÃO, S, Salomão, E. (org.) **Edição eletrônica Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago. [2000] – 1 CDROM.

Na mesma época, a partir da década de 1970, em que a saúde coletiva começa a se estruturar, a saúde mental passa a ser concebida de forma diferente: propõe-se uma ruptura com o modelo psiquiátrico vigente e passa-se a enxergar o sujeito com sofrimento psíquico num contexto maior, abarcando sua história de vida e não apenas a ênfase em sua patologia. Passa-se a tratar o sujeito que sofre. (LANCETTI; AMARANTE, 2006)

No Brasil, observa-se a influência da psiquiatria democrática italiana, cujo principal precursor foi Franco Basaglia¹, que questionava a universalidade do racionalismo científico na prática psiquiátrica. Aliados a essa influência, usuários e familiares passaram a exigir maior atenção à saúde mental, reivindicando novas técnicas de se atuar nesse contexto. Em 1987, acontece a primeira Conferência Nacional em Saúde Mental, no Rio de Janeiro, e a partir daí surgem os hospitais-dia, os centros de atenção psicossocial (CAPS), que buscam inserir os sujeitos com transtornos mentais na sociedade. Passa-se a trabalhar numa perspectiva de autonomia do sujeito. (SANTOS et al., 2000)

A doença mental é deixada, então, para segundo plano e o sujeito, como um todo, vira foco do atendimento, da atenção. Surge a necessidade de se intervir nesse sujeito de forma diferenciada e o isolamento já não é a maneira mais adequada. Iniciam-se atuações que visem ao lazer, aos cuidados, às relações e aos afetos desse sujeito que sofre. (LANCETTI; AMARANTE, 2006)

Esse momento é demarcado pela Reforma Psiquiátrica que, de acordo com Rossato, entre outros autores (2006, p. 02), trata-se de

um processo de desinstitucionalização que implica na ruptura epistemológica com o modelo psiquiátrico, médico-clínico da loucura, cujo objetivo da intervenção é a doença mental, enquanto que o objetivo da ação terapêutica para a desinstitucionalização é a “existência sofrimento”.

Ou seja, um movimento que visa priorizar “o sujeito” para além da doença, de seu sofrimento psíquico, com o objetivo de inseri-lo na sociedade e tentar quebrar com os

¹ Franco Basaglia foi médico e psiquiatra, precursor do movimento de Reforma Psiquiátrica Italiana. Após a Segunda Guerra Mundial, foi trabalhar no hospital psiquiátrico de Gorizia. Quando assumiu a direção desse hospital, em 1961, procurou transformá-lo numa residência terapêutica. Durante sua trajetória profissional, foi influenciado pelas obras de Michel Foucault. A partir de 1970, assumiu a direção do hospital provincial de Trieste, onde modificou a forma de atendimento, substituindo a internação manicomial por uma rede de atendimento que, posteriormente em 1973, foi credenciada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como referência mundial para reformulação no atendimento prestado em saúde mental. Franco Basaglia nasceu em 1924 em Veneza, Itália, e faleceu em 1980. (INSTITUTO FRANCO BASAGLIA)

preconceitos, possibilitando-lhe um cotidiano onde possa atuar dentro de suas possibilidades como sujeito.

Essa discussão teve um enfoque maior a partir da década de 1990, com o surgimento do Sistema Único de Saúde (SUS), que possibilitou a criação de políticas públicas na área de saúde mental, como a criação dos centros de atenção psicossocial, a criação de leitos nos hospitais gerais e a delimitação do tempo de internação em hospitais psiquiátricos, visando a uma maior inserção do portador de transtorno mental na sociedade. (KYRILLOS NETO, 2003)

O movimento antimanicomial que conduziu a Reforma Psiquiátrica conseguiu melhoras significativas na forma de assistência aos sujeitos com transtornos mentais, tais como a desconstrução do modelo manicomial que prioriza a internação com segregação social do sujeito, da criação de projetos que visem à inserção social, oficinas terapêuticas, visitas domiciliares etc. Possibilitou, assim, o retorno da autonomia do sujeito, ao vê-lo como cidadão de direitos. (KYRILLOS NETO, 2003)

Esse processo se deu a partir da visão de saúde como um direito, sendo o sujeito compreendido como cidadão livre e igual perante a lei. Por conseguinte, surge uma tensão entre a questão política e a forma de se atuar em saúde, pois a Reforma Psiquiátrica propõe que a pessoa com transtorno mental se insira na sociedade, não sendo mais necessário, portanto, a imputação de perda de poderes sobre a sua própria vida. A proposta é de que esse sujeito vá conseguindo aos poucos, tendo como auxílio uma rede social, recuperar seus direitos, tornando-se novamente sujeito de si, reconstruindo sua subjetividade. (ALMEIDA; SANTOS, 2001).

O Ministério da Saúde passou, em virtude desse processo, a criar políticas públicas em saúde mental que vêm ao encontro dos pressupostos do movimento antimanicomial e da Reforma Psiquiátrica. É exemplo disso a Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001, que redireciona o modelo de assistência em saúde mental, dispondo sobre os direitos dos sujeitos com transtorno mental. Regulamenta também cuidados diferenciados às pessoas internadas por longos anos em instituições psiquiátricas, prevendo punições para internações arbitrárias e desnecessárias que inviabilizem o sujeito de exercer sua cidadania. As leis, portarias, decretos em saúde mental estão articulados com o SUS, através de suas diretrizes e níveis de atenção. Cabe, portanto, às esferas dos governos municipal, estadual e federal atuarem de forma conjunta a fim de cumprirem o disposto nessa Lei. (BRASIL, 2004)

No município de São José/SC, a Secretaria de Saúde criou, em 2004, o Programa de Saúde Mental (PSM), que funciona no Centro de Saúde do bairro Bela Vista. Esse

Programa presta atendimento de atenção básica, especificamente ambulatorial, nos dias úteis, com profissionais da enfermagem e médicos psiquiatras. Cabe ressaltar que o PSM está vinculado à Estratégia de Saúde na Família (ESF), com a finalidade de fornecer suporte aos profissionais no que concerne ao atendimento a sujeitos com transtorno mental ou a seus familiares. As ESF dos diversos Centros de Saúde do município encaminham os pacientes com transtorno mental, através do preenchimento de formulários de encaminhamento, tornando-se, portanto, referência. (PROJETO TIME DA MENTE, 2006)

Atuando no nível de atenção básica em saúde, encontra-se o Projeto Time da Mente, que configura um dos possíveis campos de estágios propostos pelo curso de Psicologia da UNISUL. Esse projeto tem por objetivo promover e/ou resgatar a saúde mental de sujeitos atendidos pelo Programa de Saúde Mental do município de São José/SC, através de atividades promovidas, como grupos operativos, grupo para familiares e cuidadores de sujeitos com transtorno mental, oficinas terapêuticas, atendimento individual, bem como capacitação para profissionais e comunidade relacionadas à saúde mental. (PROJETO TIME DA MENTE, 2006)

A inserção da acadêmica nesse campo de estágio se deu pelo interesse em saúde e, por conseguinte, em saúde mental, corroborando com o disposto por Kahhale (2003, p. 167) ao dizer que “a dialética saúde-doença integra as dimensões da biologia, da ecologia, da sociologia, da economia, da cultura, da experiência, de cada um (sua subjetividade) e dos valores e concepções que damos à vida expressas na subjetividade social.”. Kujawa, Both e Brutscher (2003, p. 13) complementam ao dizer que

A saúde do povo é determinada não por sua raça, mas por suas condições de vida. [...]. Com efeito, os fatores sociais são de importância tão óbvia como causa e controle de doenças que muitos sociólogos, e até médicos, estão inclinados a acreditar que reformas políticas e sociais são a maneira mais acertada de melhorar a saúde as populações destituídas.

Kahhale (2003) fala da importância em se compreender a forma como o homem se constitui socialmente, ao mesmo tempo em que se constituem as condições sócio-históricas em que vive, sendo produto e produtor desse meio. Partindo disso, consegue-se uma base para ações em saúde pensando numa atuação do psicólogo. A saúde, então, deve ser entendida como uma constante busca por equilíbrio do homem como um todo, inserido no tempo e no espaço, produzida socialmente, como um processo dinâmico e ativo. Dessa forma, é preciso que se construa junto às comunidades formas de lidar com questões sociais como pobreza, fome, violência, entre outros, pois saúde como projeto social significa criar novas formas de

explorar as possibilidades humanas, opondo-se ao imaginário que já existe em prol de algo melhor para todos.

Ainda assim, cabe considerar, tendo em vista o enfoque psicanalítico desta pesquisa, como a teoria psicanalítica compreende o processo de adoecimento do sujeito. Essa teoria enfoca a interação entre forças pulsionais direcionadas a um objeto, as quais, por vezes, são opostas. Sua leitura teórica está pautada na compreensão do aparelho psíquico composto por três partes distintas. O id representa as pulsões; o ego, a instância executiva e inibidora e o superego, a influência da consciência e dos ideais. O sujeito funciona a partir de conteúdos inconscientes, buscando satisfação. Conflitos entre esses três sistemas do aparelho psíquico podem gerar sofrimento ao sujeito. E uma das formas desse sofrimento se manifestar é através de sintomas. (MOORE; FINE, 1992).

Holmes (2001) traz que o sujeito em um estado conflitivo procurará amenizar a angústia, considerada como um sintoma ou como um sinal, usando um mecanismo de defesa. Para ele, mecanismo de defesa são formas encontradas pelos sujeitos de distorcer a realidade de forma que esta se torne suportável, evitando-se, portanto, um conflito e, conseqüentemente, reduzindo a angústia. O que resultará num maior equilíbrio entre as três instâncias distintas do aparelho psíquico. Esse movimento no aparelho psíquico é produzido pelas pulsões.

Freud afirma que as pulsões possuem destinos diferentes, sendo a sublimação um desses possíveis destinos. A sublimação deve ser pensada como uma das formas de satisfação pulsional. A pulsão visa inicialmente ser satisfeita através do objeto sexual: através de um processo de sublimação, seu objeto altera-se para um objeto aceito socialmente. Vale frisar que a satisfação do objeto sexual não é automaticamente inaceitável. O caráter de inaceitável do objeto é significado na relação com o Outro. Nessa relação com o outro o objeto e o desejo podem ser reprimidos ou substituídos como é o caso da sublimação. Isso remete a castração ao passo que se liga a proibição, cujo bojo é a proibição do incesto. Cabe ressaltar ainda que as pulsões sexuais são plásticas, conseguindo transformar-se, substituir-se em outras de forma a canalizar a intensidade da outra pulsão para si, configurando uma rede de vasos comunicantes, ou seja, quando uma pulsão é inibida, tendo sua satisfação impedida por fatores externos, a satisfação de outra pulsão serve como compensação desta. (GARCIA-ROZA, 1995)

Nasio (1995b) aponta como exemplo disso a transformação da curiosidade sexual infantil, pautada no voyeurismo, em sede de saber. Para esse autor, na sublimação da pulsão voyeurista, tanto o objeto quanto o alvo sofrem mudança de natureza.

A epistemofilia, ou desejo de saber, segundo Freud, é fundamental no desenvolvimento do psiquismo, bem como da humanidade. A epistemofilia consiste numa forma sublimada da pulsão de domínio e da pulsão escópica. Esta, por sua vez, necessita da intervenção do eu narcísico, a fim de favorecer a atividade criadora da mesma. A pulsão epistemofílica tem sua origem ligada às fases pré-genitais no que concerne ao desenvolvimento do psiquismo infantil. O desejo de conhecer, presente nessas fases, propicia a introdução da criança no Complexo Edípico, bem como sua saída dele. O desfecho da conflitiva edípica poderá produzir um dos três destinos possíveis para a pulsão epistemofílica. No primeiro, poderá permanecer atrelada à sexualidade e ser reprimida juntamente com esta durante a latência. No segundo, o psiquismo pode ser capaz de reprimir o impulso sexual, mas a capacidade intelectual é bem desenvolvida, o ato de pensar produz libido como um ato sexual. O terceiro destino é tido como o mais saudável dos três, nele a libido edípica foi sublimada desde o princípio, ligando-se à pulsão epistemofílica. (RIBEIRO, 2006; NASIO, 1995b)

Ainda concernente à sublimação da pulsão epistemofílica, esta pode servir como um recurso de defesa pulsional, devido à sua relação com a sexualidade. Freud assinala a importância da pulsão sexual tanto na patologização do sujeito quanto na manutenção de sua saúde. A relação da sexualidade e de seus objetos, tanto sexuais quanto não sexuais, denota na reversibilidade dos mesmos, somente possível devido à plasticidade pulsional que é o que permite a sublimação. Essa plasticidade pulsional é capaz de realizar o desvio da sexualidade para uma finalidade aceita socialmente. Cabe ressaltar que, ao sublimar parte da libido de um sujeito em desejo de saber (epistemofilia), a mesma pode possuir caminhos distintos ou então se mesclar, produzindo uma forma diferenciada de satisfação pulsional. Poder-se-ia pensar, então, em se tratando da sublimação como um processo cujo objetivo é explicar atividades humanas, que, a princípio, não teriam um cunho sexual, mas encontram sua força motriz nela, que, nesta, além de haver uma substituição de um objeto sexual por outro não sexual, haveria ainda substituição de uma sublimação por outra. (STOTZ, 2003)

Assim, pensando-se sobre a concepção de saúde integrada à saúde mental, e na gênese e possíveis destinos da pulsão epistemofílica, este trabalho propõe a responder a seguinte pergunta: **Quais as implicações da epistemofilia na saúde mental de um sujeito e que podem ser percebidas em suas ações e descritas na literatura científica?**

1.3 OBJETIVOS

São apresentados a seguir os objetivos geral e específicos desta pesquisa.

1.3.1 Objetivo Geral

Verificar quais as implicações da epistemofilia na saúde mental que podem ser percebidas em ações realizadas por sujeitos, descritas na literatura científica.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Descrever fatores psicológicos que contribuem¹ na saúde mental do sujeito.
- Identificar trabalhos científicos que relacionem epistemofilia e saúde mental.
- Verificar ações realizadas por sujeitos e sustentadas na epistemofilia, descritas em textos científicos.
- Relacionar os fatores psicológicos que contribuem para a manutenção da saúde mental do sujeito com ações sustentadas na epistemofilia.

1.3.3 Descrição Operacional dos Termos

Para efeitos deste trabalho, compreende-se sublimação e epistemofilia da seguinte forma:

Sublimação: É o meio de transformar e elevar a energia das pulsões sexuais, pré-genitais, numa força positiva e criadora, sendo o resultado desse processo uma realização não sexual pautado nos ideais de uma dada época, ou seja, substitui o objeto e o objetivo sexual por um objeto e objetivo não sexual valorizado culturalmente. (NASIO, 1995b)

Epistemofilia: A epistemofilia, ou pulsão de saber, não está diretamente ligada às pulsões elementares, ou exclusivamente ligada à sexualidade. Essa pulsão corresponde a uma forma sublimada da pulsão de domínio e da pulsão escópica que necessitam da intervenção do eu narcísico, pois este condiciona e favorece a atividade criadora da mesma. Freud assinala que a

¹ Contribuem tanto de forma positiva quanto negativa, ou seja, interferem na saúde mental do sujeito.

pulsão epistemofílica surge cedo na vida das crianças, traduzida pela curiosidade infantil referente à origem dos bebês, estando, portanto, pautada na sexualidade, embora não esteja restrita a ela. Essa pulsão tem sua origem ligada principalmente às fases pré-genitais, referentes ao desenvolvimento infantil, propiciando tanto a entrada quanto a saída do Complexo de Édipo. (STOTZ, 2003; RIBEIRO, 2006; NASIO, 1995b).

1.4 JUSTIFICATIVA

A saúde mental é uma das áreas temáticas do Ministério da Saúde que demandam um serviço de saúde diferenciado para suprir a necessidade da população. No Brasil, cerca de 3% da população sofre de transtorno mental severo e persistente; aproximadamente 6% da população sofre de transtornos relacionados ao uso de álcool e outras drogas; 12% da população necessita de algum cuidado em saúde mental, podendo ser de forma contínua ou eventual; para tanto, 2,3% do orçamento anual do SUS é destinado a ações relacionadas à Saúde Mental. Em virtude disso, o governo criou a Política Nacional de Saúde Mental, que tem por objetivo

[...] reduzir progressivamente os leitos psiquiátricos, qualificar, expandir e fortalecer a rede extra-hospitalar - Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), Serviços Residenciais Terapêuticos (SRTs) e Unidades Psiquiátricas em Hospitais Gerais (UPHG) - incluir as ações da saúde mental na atenção básica, implementar uma política de atenção integral a usuários de álcool e outras drogas, implantar o programa "De Volta Para Casa", manter um programa permanente de formação de recursos humanos para reforma psiquiátrica, promover direitos de usuários e familiares incentivando a participação no cuidado, garantir tratamento digno e de qualidade ao louco infrator (superando o modelo de assistência centrado no Manicômio Judiciário) e avaliar continuamente todos os hospitais psiquiátricos por meio do Programa Nacional de Avaliação dos Serviços Hospitalares - PNASH/Psiquiatria. (MINISTÉRIO DA SAÚDE)

Diante desse contexto e tendo em vista que a formação de recursos humanos capacitados em saúde mental faz parte dos objetivos da Política Nacional de Saúde Mental, torna-se importante estudar e construir novos conhecimentos sobre essa temática, a fim de alicerçar a prática profissional.

Freud (1930), em *O mal-estar da Civilização*, fala sobre a vida mental e suas vinculações ao mundo externo a fim de evitar o sofrimento interno do sujeito, sendo este constituído pelas não satisfações dos desejos. Ele aponta três causas para esse sofrimento: o

poder superior da natureza, a fragilidade de nossos próprios corpos e a inadequação a regras que visam ao ajuste dos relacionamentos mútuos entre o sujeito, a família e a sociedade. Para ele, o sujeito evita o sofrimento através de possíveis caminhos, pois o propósito da vida está pautado no programa do Princípio do Prazer, sendo que este domina o aparelho psíquico. Contudo as satisfações são temporárias, já que o Universo age contra esse programa. Uma das vias de alívio do sofrimento em busca da felicidade é a sublimação. Esta, por sua vez, ao fazer-se presente na constituição da civilização ou da sociedade, abarca a dimensão intelectual, científica, artística, religiosa, social e laboral, de forma a produzir uma ordem, cujo bojo estaria vinculado a uma compulsão à repetição no tempo.

Diante disso, percebe-se que a saúde mental de um sujeito está presente em várias dimensões de sua vida. O sujeito se relaciona com objetos diferentes e neles investe libido, podendo ocasionar-lhe sofrimento ou não. Assim, sendo uma das possibilidades de sublimação a busca pelo conhecimento, vincular saúde mental e epistemofilia constitui fator de pesquisa, visto que a epistemofilia pode interferir na qualidade de vida de um sujeito.

Em se tratando de pesquisa, passar-se-á, aqui, a demonstrar a relevância científica deste trabalho. Para isso, pesquisou-se entre os meses de julho a outubro de 2008 nestas fontes: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), que inclui outras bases de dados, como Bireme, Scielo, Pepsic, entre outras; Domínio Público; Portal de Periódicos CAPES; base de dados de teses e dissertações da UNICAMP; base de dados de teses e dissertações da USP; Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e Scirus. A palavra chave, epistemofilia, resultou 36 referências, entre trabalhos realizados no Brasil e no exterior.

Buscando-se outras palavras chaves, como pulsão epistemofílica, pulsão de conhecimento, pulsão de saber, o número de resultados foi maior, contudo não se encontraram trabalhos científicos que articulassem saúde mental e epistemofilia, entre trabalhos produzidos no Brasil e no exterior. Não respondendo, portanto, ao problema de pesquisa proposto. Dos resultados encontrados, selecionaram-se três pesquisas cuja temática foi recorrente em grande parte das produções encontradas sobre pulsão de saber.

Chaves (2001), em sua dissertação de mestrado intitulada “Do aborrecer ao ‘emburrecer’. De onde vem a burrice?”, traz como questão principal compreender por que pessoas com capacidade intelectual para aprendizagem não aprendem ou têm dificuldade para se apropriar de um saber, com o objetivo de proporcionar aos educadores um novo olhar sobre a questão da aprendizagem. Para tal, a autora utilizou-se da psicanálise como referencial teórico, perpassando a epistemofilia, ou pulsão de saber, como uma das variáveis que interferem na aprendizagem do sujeito. Utilizou como delineamento o estudo de caso para

ilustrar a problemática da subjetividade e do desejo inconsciente de saber. Conclui, ao final de sua pesquisa, que só aprende aquele sujeito que possui o desejo de saber.

Em outra pesquisa, de Coelho (2007), intitulada “Hamlet e o problema da verdade”, essa autora busca discutir o problema da verdade através da obra de Shakespeare a partir dos pressupostos psicanalíticos. A autora faz uma correlação entre a obra e a situação de análise na clínica. Ambas buscam a verdade: Hamlet procura a verdade sobre a morte de seu pai, já o analisando busca a verdade sobre suas questões. Assim, a autora pontua essa busca pela verdade como sendo o objeto da pulsão epistemofílica, ou seja, a busca da verdade seria, portanto, o que move os sujeitos. Por fim, a autora conclui que a verdade não é totalizadora, sempre há algo por vir, e conclui também que, na análise, o analista deve fazer valer seu saber como verdade.

Sordi (2005), em seu artigo “A constituição da inteligência: uma abordagem psicanalítica”, procura situar a constituição da inteligência dentro de uma perspectiva psicanalista. Nesse trabalho mostra que, para alcançar a objetividade das estruturas lógicas, o psiquismo realiza diversas ligações dentro da mente. Trazendo, então, o conceito de epistemofilia para Freud, conclui que o estudo sobre a contribuição da origem do psiquismo, concernente ao desenvolvimento da inteligência, pode auxiliar na resolução de problemas de aprendizagem.

Quanto à relevância acadêmica dessa pesquisa, a investigação na base de dados dos trabalhos de conclusão de curso (TCC) de psicologia da UNISUL constatou que as pesquisas realizadas em saúde mental estão vinculadas a temáticas como suicídio, psicose, trabalho, tratamento de mulheres na atenção básica, entre outros, mas não se encontrou nenhum trabalho vinculado à epistemofilia. Assim, torna-se importante produzir pesquisas científicas sobre esse tema.

Para a sociedade, sua importância está em que o conhecimento adquirido poderá servir de base para novas formas de atuação em saúde mental que visem resgatar a cidadania e reconstruir a autonomia e a subjetividade de sujeitos com algum transtorno mental. À medida que a epistemofilia lançar o sujeito ao ato de descobrir e de investigar a realidade a sua volta, desvelará o desejo de conhecer que poderá servir de caminho à inserção ou adesão de sujeitos a determinados tratamentos, participação de oficinas terapêuticas, grupos, psicoterapia entre outros.

A falta desse conhecimento, portanto, poderá ter como implicações sociais o manejo inadequado de sujeitos com sofrimento psíquico. Esse manejo inadequado poderá

estar presente em diversos contextos, uma vez que a pulsão epistemofílica é responsável pela curiosidade, pelo desejo de conhecer, o que interfere em todas as áreas da vida do sujeito, como educação, trabalho e lazer, entre outros.

Além das relevâncias científica, acadêmica e social já descritas, ainda há a relevância pessoal, que se configura no interesse acadêmico em pesquisar sobre saúde mental, tendo em vista a inserção no campo de estágio, vinculado a essa temática. E não apenas pesquisar sobre saúde mental, mas fazer isso de forma a articular esse campo do conhecimento por um viés diferente dos assuntos já produzidos. Além disso, vale lembrar que a pesquisa é uma das atribuições do psicólogo, preconizada pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A seguir, será realizada a contextualização do tema desta pesquisa. Para tanto, serão apresentados conteúdos sobre saúde mental, pulsão e sublimação e, a partir disso, será possível articulá-los com a epistemofilia, tema central deste trabalho, a fim de responder ao problema de pesquisa proposto.

2.1 SAÚDE MENTAL

Lancetti e Amarante (2006) postulam que a saúde mental pode ser entendida tanto como uma área de conhecimento quanto uma área de atuação profissional, em que vários saberes se entrecruzam de forma transdisciplinar.

Falar em saúde mental é falar também das práticas e representações que as sociedades fazem da loucura. Tundis e Costa (2000) apontam que a loucura remete a processos sociais que condicionam ao patológico, indo, portanto, para além de uma dimensão individual. Esses autores trazem a noção de que, para Lévi-Strauss, as doenças podem ser consideradas incisões do social, tendo em vista que a cultura é composta por um sistema simbólico, ou seja, à medida que o sujeito se distancia desses símbolos, passa a alienar-se. Assim, a saúde do sujeito perpassa pela sua participação social, em congruência com as regras impostas pela sociedade. Portanto, o afastamento ou a recusa em participar da sociedade poderão corresponder ao surgimento de transtornos mentais.

Freud (1930), em *o Mal-estar na Civilização*, diz que o sujeito se constitui na cultura, como um sujeito de linguagem e na linguagem, sendo a família o representante da cultura. Logo, o Complexo de Édipo é também uma questão cultural. Para ele, a civilização é construída à custa da renúncia e da supressão e repressão das pulsões, o que remete aos possíveis caminhos percorridos pelas mesmas, variando da satisfação sexual à expressão sintomática e ao deslocamento da finalidade pulsional. (STOTZ, 2003)

Ainda segundo Freud (1930), para que possa suportar os sofrimentos impostos pela vida, o sujeito recorre a construções auxiliares, como as satisfações substitutivas, dentre as quais ele cita a atividade científica e a arte. Embora esteja do lado da saúde, a sublimação não previne contra o sofrimento e cabe ressaltar que nem toda cota de libido pode ser

sublimada e que a satisfação pulsional é sempre parcial. Deve-se, ainda, destacar que Freud apresenta a psicopatologia como a “Psicopatologia da Vida Cotidiana”, termo que utiliza para denominar uma de suas obras. (STOTZ, 2003)

Pensando na concepção de saúde mental como algo construído socialmente, vale ressaltar alguns aspectos históricos da trajetória da saúde mental no Brasil, a fim de contextualizar a prática e as formas de tratamento aplicadas antes e após a Reforma Psiquiátrica.

A institucionalização da loucura no Brasil se deu de forma diferenciada da Europa, o que foi de fundamental importância para a organização e idealização da instituição psiquiátrica no país. Inicialmente, o doente mental foi um subproduto das relações de trabalho escravista cuja abolição fez aumentar a marginalidade, justificando não só a exclusão, mas também uma intervenção para o sujeito excluído. O contexto social, político e econômico do país passou por uma modificação devido à economia cafeeira, o que resultou na urbanização acelerada e más condições de higiene e saúde coletiva da população, sobretudo da classe trabalhadora, no surgimento de cortiços e favelas, bem como no aumento de moradores de rua. E, para lidar com os problemas concernentes à saúde mental, só havia os asilos, a psiquiatria exercida por religiosos (freiras) e médicos gerais que não supriam a demanda da população. (RESENDE, 2000)

Vale frisar que o Brasil não havia passado por um processo de industrialização e urbanização maciça, como na Europa, e estava em vigência ainda a sociedade rural pré-capitalista e pouco discriminativa. Quando o país importa as idéias de tratamento ao portador de transtorno mental, apenas parte delas é utilizada, como no caso do tratamento moral. A psiquiatria também atuará de forma diferenciada, à medida que desempenha um papel ou função social de acordo com o contexto vigente. (RESENDE, 2000)

Os saberes e práticas construídas para a intervenção junto aos considerados doentes mentais no Brasil seguem a mesma lógica dos mecanismos de dominação e imposição da lei e da ordem, ou seja, desprezo e hostilidade, entre outras sanções sociais. Nos primeiros tempos de assistência psiquiátrica, os maus tratos estão presentes em diversas formas de tratamento e cuidados com os sujeitos internos, em instituições asilares (hospícios), com transtornos mentais. (RESENDE, 2000)

O saber científico historicamente construído legitima o silêncio imposto aos portadores de doenças mentais e esse fato leva o país à discussão da violência presente nas instituições asilares e à defesa dos direitos de cidadania desses sujeitos. Essa discussão

perpassa pela questão das classes sociais e do plano político e pela relação entre o Estado e as classes populares. (TUNDIS; COSTA, 2000).

Mesmo assim, os maus tratos e a violência presentes no assistencialismo psiquiátrico perduraram de forma intensa até a Reforma Psiquiátrica. (RESENDE, 2000)

Nesse contexto, a Reforma Psiquiátrica deve ser entendida não como uma mera reestruturação do modelo assistencial psiquiátrico, mas uma mudança na forma de atendimento ao sofridor psíquico e uma reformulação na estruturação de forma contínua desse atendimento. Trata-se, portanto, de um processo que envolve atores, conceitos e princípios, articulados a quatro dimensões da reforma: dimensão epistemológica, dimensão técnico-assistencial, dimensão jurídico-política e dimensão sociocultural. (AMARANTE, 2003)

A dimensão epistemológica trata dos saberes construídos ao longo da história, no que concerne à saúde mental, saber este que fundamenta e autoriza as práticas médicas/psiquiátricas. Nessa dimensão, há uma preocupação na desconstrução de saberes, a fim de se construir novos conhecimentos que estejam pautados na busca pela cidadania e na compreensão da lógica da loucura. (AMARANTE, 2003)

A dimensão técnico-assistencial emerge quando a questão consiste em reformular o modelo assistencial, o que é possibilitado por uma teoria que considera a loucura como incapacidade de razão e juízo. Surge, portanto, a institucionalização como foco e o isolamento e alienação como antagônicos ao processo de cidadania do sujeito com sofrimento psíquico. (AMARANTE, 2003)

A dimensão jurídico-política trata da construção histórica da institucionalização da loucura relacionada à periculosidade, o que a leva a rever questões de relações sociais e civis. (AMARANTE, 2003)

A dimensão sociocultural visa à transformação do imaginário social no que se refere à relação da sociedade com a loucura, ou seja, modificar a representação social de incapacidade relacionada à mesma. (AMARANTE, 2003)

Essas dimensões articuladas entre si têm por objetivo modificar o contexto histórico e cultural em que a loucura e a saúde mental estão presentes, possibilitando uma melhoria no atendimento ao sujeito com sofrimento psíquico, numa perspectiva de cidadania. Seguindo esse raciocínio, Bezerra Jr. (2000) diz que uma das metas prioritárias no país, na reformulação da assistência psiquiátrica, é modificar o tipo de atendimento ainda muito baseado no hospitalocentrismo. Também segundo esse autor, irão influenciar na forma de se produzir saúde mental os tipos de tratamento no atendimento ambulatorial pautado na

terapêutica medicamentosa e nas terapias psicológicas, os quais estão articulados a fatores como representações sociais da doença, fatores econômicos e expectativas frente ao tratamento.

2.2 PULSÃO

O conceito de pulsão (*trieb*) é fundamental na psicanálise, servindo de base para outras articulações teóricas. O aparecimento desse conceito se deu, na obra freudiana, em “Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” (1905), mas só em 1915, Freud escreve, em “Os Instintos [Pulsões] e suas Vicissitudes”, texto onde aborda os principais aspectos referentes à pulsão. Torna-se importante discutir esse conceito, pois o tema central desta pesquisa é a pulsão epistemofílica e sua relação com a saúde mental. (STOTZ, 2003)

A pulsão como conceito é apresentada por Freud como um estímulo aplicado à mente. Contudo, não se trata de um estímulo de ordem fisiológica, o que seria da ordem do instinto. O instinto é diferente da pulsão, por designar um comportamento hereditário que pode ser removido por uma ação. Já a pulsão pode ser entendida como a excitação que provém do interior do corpo, incidindo no aparelho psíquico, ao ocorrer uma articulação entre corpo e psiquismo, devido à pressão ou excitação constante. Essa articulação torna a pulsão característica e distinta do instinto. (STOTZ, 2003)

O termo pulsão vem do alemão (*trieb*) e, como conceito, é construído a partir de uma articulação entre estímulo fisiológico e pulsão. Freud (1915) aponta que há duas fontes que alimentam o aparato psíquico. Uma delas, exógena, a partir dos neurônios e outra, endógena, a partir de um núcleo psicológico. Os estímulos provenientes da fonte exógena possuem um filtro representado pelos órgãos dos sentidos, havendo possibilidade de fuga ao mesmo. Já os estímulos da fonte endógena não possuem filtro, nem possibilidade de fuga, assim pode-se escapar dos estímulos externos, mas não dos internos, e é esta a mola propulsora do aparato psíquico. (STOTZ, 2003; GARCIA-ROZA, 1995).

A diferença está no fato de que um estímulo externo ao sujeito promove uma ação para fora, capaz de remover a fonte de estimulação. A pulsão consiste num estímulo externo ao aparato psíquico, cuja fonte é um órgão excitador interno, sendo esse estímulo aplicado à mente. A excitação dessa fonte promove uma pressão constante da qual o organismo não

consegue escapar. Essa pressão, portanto, é que faz com que o aparelho psíquico funcione. (STOTZ, 2003; GARCIA-ROZA, 1995).

Freud (1915), ao montar o conceito de pulsão, utilizou-se de quatro termos: pressão, alvo, objeto e fonte, os quais, tendo características e funções distintas, não correspondem isoladamente ao termo, mas trata-se de uma junção da ação desses para designar a pulsão. A partir disso, torna-se evidente a diferença entre pulsão e estímulo. (STOTZ, 2003; GARCIA-ROZA, 1995).

A pressão (*drang*) corresponde ao aspecto motor e à soma de sua força. É considerada por Freud (1915) como a essência da pulsão. Essa pressão, que também serve como eliminação de tensão psíquica na fonte interna de estimulação, é uma força constante que determina uma exigência de trabalho ao aparelho psíquico. (STOTZ, 2003; GARCIA-ROZA, 1995).

O alvo (*ziel*) da pulsão é a satisfação, só alcançada por meio da eliminação do estímulo na fonte. Freud (1915) fala que esse alvo é invariável, contudo há caminhos diversos para alcançá-lo, bem como podem surgir alvos intermediários que resultaram em satisfações parciais. Isso ocorre não por não haver métodos adequados de alcançar a satisfação, mas pela própria natureza da pulsão, por ser uma força constante e não momentânea. Assim, uma satisfação plena da pulsão não será atingida, apenas uma parcial. Freud afirma também que o alvo da pulsão não é apenas uma satisfação, mas uma satisfação que já foi alcançada plenamente na pré-história individual e que visa se repetir infindavelmente por meio de outros objetos, a fim de substituir o lugar do objeto original. (GARCIA-ROZA, 1995).

O objeto (*objekt*) da pulsão consiste no meio pelo qual ela pode atingir o alvo, sendo o mais variável na pulsão. O objeto não está originariamente ligado à pulsão, mas articula-se a ela para conseguir atingir a satisfação. A pulsão pede um objeto, não necessariamente específico, que deve estar articulado à aptidão para satisfazê-la, de modo que essa aptidão esteja vinculada à história de vida do sujeito, ao seu desejo e fantasias infantis. Assim, o objeto não é algo do mundo externo, mas uma síntese das representações desse mundo externo. (GARCIA-ROZA, 1995).

A fonte (*Quelle*) é um processo somático, da ordem do corpo, podendo corresponder a um órgão ou a uma parte desse corpo, cujo estímulo é representado no psiquismo pela pulsão. Contudo pulsão não é um estímulo psíquico, mas sim um estímulo para o psíquico. A pulsão não faz parte do consciente: está além dele e também além do inconsciente. Só se faz presente no psiquismo por meio de representantes: o *vorstellung* (representante ideativo) e o *affekt* (afeto). (GARCIA-ROZA, 1995).

Freud fala em pulsões de vida e de morte. Para ele, as pulsões de vida têm como alvo a “ligação libidinal, isto é, o atamento dos laços, por intermédio da libido, entre nosso psiquismo, nosso corpo, seres e coisas” (NASIO, 1995a, p. 44). As pulsões de vida mantêm a coesão das partes da substância viva, enquanto as pulsões de morte visam ao desligamento, ao desprendimento da libido dos objetos e ao retorno à tensão zero. As pulsões de morte não denotam apenas destruição ou agressão, mas também podem ser benéficas, pois tendem ao repouso e ao silêncio necessários em alguns momentos de elaboração psíquica. (NASIO, 1995a).

A pulsão, por ser uma construção humana e histórica, pode ter destinos diferenciados em conformidade com o representante no qual está pautada. Esta, por sua vez, é regida não apenas pelo princípio do prazer, mas também há um além do princípio do prazer, articulando isso entre as zonas erógenas e as representações sociais. Assim, os destinos ou vicissitudes da pulsão do representante ideativo são a transformação ao contrário, retorno para o eu, recalque e sublimação. Os destinos do representante afeto são a transformação do afeto, o deslocamento do afeto e a troca do afeto. (GARCIA-ROZA, 1995; CRUXÊN, 2004).

Aqui será dado enfoque à sublimação como destino da pulsão, por ter a sublimação estreita relação com a pulsão epistemofílica, sendo um dos seus possíveis destinos. A sublimação configura-se no destino mais saudável ou mais satisfatório, pois a libido escapa do recalque, ligando-se à pesquisa e ao desenvolvimento intelectual. Dessa forma, falar de sublimação é fundamental para se articular esse conceito com a epistemofilia, tema desta pesquisa. (JUSTO, 2003)

2.3 SUBLIMAÇÃO

A sublimação surge como um conceito importante na psicanálise, embora sua aparição nas obras freudianas seja de forma esparsa e se trate de um conceito a ser mais trabalhado. Torna-se relevante à medida que propicia uma articulação entre pulsões sexuais e atividades aparentemente não sexuais com um cunho cultural. A sublimação pode ser caracterizada como um dos possíveis destinos ou vicissitudes da pulsão, e consiste na substituição do objeto sexual por outro não sexual e valorizado socialmente. (STOTZ, 2003; NASIO, 1995b).

Cruxên (2004) pontua que, para Freud, o termo sublimação evocava depuração e transformação, tendo ele adquirido esta concepção a partir da alquimia. Para esse autor, Freud relaciona-as ao desenvolvimento da fantasia, cuja finalidade consiste em proteger o sujeito da angústia.

De acordo com Nasio (1995b), a sublimação tem como uma das primeiras funções ser uma das defesas do eu, contra a descarga direta e total da pulsão sexual, a qual atenua ou transforma a lembrança sexual intolerável. Assim, ela desloca o afeto existente no ato incestuoso, a partir de uma representação psíquica inconsciente, para uma representação psíquica aceitável à consciência. Esse autor pontua a existência de duas possibilidades de compreensão da sublimação que unem as diferentes formas de abordar o tema em Freud, a saber: a sublimação como a substituição de um objeto sexual em um objeto não sexual valorizado socialmente e a sublimação como um mecanismo de defesa capaz de conter os extravasamentos da vida pulsional.

Ao se pensar a sublimação como um dos destinos ou vicissitudes da pulsão, Stotz (2003) assinala que ela mantém as características pulsionais que são a pressão constante, um objeto que pode ser variável, fonte nas zonas erógenas, e a satisfação parcial. Assim, para essa autora, trata-se de um processo no qual o ego é o condutor, incitado pelo ideal de ego.

Stotz (2003) apresenta outra função da sublimação que consiste em afastar a satisfação pulsional puramente individual, possibilitando um novo contexto de satisfação e reconhecimento, o social. Para tanto se faz necessário a atuação do eu narcísico.

Nasio (1995b) também assinala outra função da sublimação, que consiste na atenuação dos excessos existentes na transferência amorosa da análise. Stotz (2003) diz que a sublimação pode ocorrer como consequência da análise, contudo não pode ser incitada por ela, pelo fato de cada sujeito possuir uma capacidade sublimatória e esta deve ser espontânea. As vias de sublimação em análise são penosas aos pacientes, pois os mesmos se submetem às exigências do trabalho analítico, e passam por um período de domínio da pulsão e precisam deixar a intenção de ceder ao prazer de uma pulsão direta. (NASIO, 1995)

A sublimação não consiste apenas em satisfação, mas na capacidade ou aptidão de encontrar novas satisfações pulsionais. “Sublimação quer dizer, acima de tudo, plasticidade, maleabilidade da força pulsional.” (NASIO, 1995b, p.83). Portanto, a sublimação é a passagem de uma satisfação a outra. (NASIO, 1995b)

No que concerne às forças pulsionais, Freud alega que há uma estreita relação entre as forças pulsionais perversas infantis, que podem resultar na formação de sintomas, com a sublimação, com a plasticidade pulsional e com o período de latência. A sublimação

está ligada ao período de latência devido à incapacidade infantil de expressar diretamente a sexualidade. Outra característica da sublimação apresentada por Freud consiste no fato de, na ocorrência de excitações intensas, essas serem sublimadas, podendo ocorrer sozinhas ou junto com a formação reativa. (STOTZ, 2003)

Freud atribui um contexto econômico à cota de libido que o sujeito é capaz de desviar para atividades sublimadas. São os principais processos sublimatórios: a arte, a religião, o pensamento científico e as atividades laborais. Nesse contexto, a epistemofilia, ou pulsão epistemofílica, surge como um processo ligado ao pensamento científico, mas que também se relaciona com os demais à medida que remete à curiosidade infantil transformada num desejo pela pesquisa presente no desenvolvimento intelectual do sujeito. (STOTZ, 2003)

Em alguns textos, Freud assinala que a sublimação é uma característica individual alicerçada na constituição da história do sujeito, em especial a infantil, remetendo assim à questão edípica. Portanto, trata-se de uma capacidade que difere de sujeito para sujeito, em que a mesma confere certo limite à medida que a sexualidade exige certa cota pulsional para que a descarga direta ocorra. (STOTZ, 2003)

Ainda referente ao Complexo de Édipo articulado à sublimação, Freud (1924) alega que a forma como o sujeito se introduz e sai do Édipo, sempre deixa seus efeitos. Ribeiro (2006), ao falar sobre a epistemofilia segundo Freud, traz que, para ele, o impulso de pesquisa inerente à pulsão epistemofílica poderia ter três possíveis destinos a partir do desfecho da conflitiva edípica. A curiosidade permanece inibida, o que resulta na maior parte das vezes em inibição neurótica; o desenvolvimento intelectual é forte, retornando do inconsciente como uma preocupação relacionada à pesquisa de forma compulsiva; ou o destino mais saudável seria via sublimação, em que a sexualidade foi sublimada desde o princípio, burlando o recalque, aparecendo neste último como a epistemofilia propriamente dita. Vale frisar que, num mesmo sujeito, as características desses destinos podem ser mescladas. (RIBEIRO, 2006; STOTZ, 2003)

A sublimação, portanto, não é a capacidade de sobrepor a todas as atividades, mas consiste no fato de ela ser socialmente valorizada. Poderia pensar-se, a partir disso, que a sublimação manteria um equilíbrio entre as instâncias do aparelho psíquico. (GARCIA-ROZA, 1995; STOTZ, 2003)

3 MÉTODO

Durante o curso de Psicologia, aprende-se a importância de se estabelecer métodos adequados para a realização de uma pesquisa, a fim de se conseguir coletar dados de forma mais criteriosa e analisá-los de forma fidedigna.

Esta pesquisa, que tem por objetivo verificar quais as implicações da epistemofilia na saúde mental de um sujeito que podem ser percebidas em suas ações, descritas na literatura científica, foi estruturada conforme descrição abaixo.

3.1. CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Quanto a seus objetivos, esta pesquisa se classifica como sendo exploratória. Quanto ao delineamento, trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental.

A pesquisa exploratória tem por “[...] objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições.” (GIL, 2008, p.41). Esse autor pontua que o planejamento deste tipo de pesquisa é flexível, possibilitando considerações variadas acerca dos aspectos relacionados ao fenômeno estudado.

Quanto ao delineamento, esta pesquisa classifica-se como bibliográfica e documental. Bibliográfica, pelo fato de utilizar-se de materiais já elaborados; documental, por possibilitar fazer uso de materiais que, embora tenham sofrido tratamento analítico, ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos de uma nova pesquisa. Corroborando isto ao exposto por Gil (2008, p. 44), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Esse autor afirma que a pesquisa documental, por sua vez, assemelha-se muito à bibliográfica. A diferença entre elas está na natureza das fontes. As fontes das pesquisas documentais são “[...] materiais que não receberam nenhum tratamento analítico ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa.” (GIL, 2008, p.45).

3.2. FONTES DE INFORMAÇÕES

Como fonte desta pesquisa, optou-se por trabalhar com quatro livros, que tratam sobre a temática de sublimação. A partir disso, articularam-se os dados encontrados com epistemofilia e saúde mental, já que não se deparou com materiais que trouxessem os dados de forma direta. As referencias utilizadas foram:

BUCHVITZ, Paulo Arthur. **Sublimação da sexualidade infantil**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

LAPLANCHE, Jean. **Problemáticas III: a sublimação**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

TOMAZELLI, Emir. **Psicanálise: uma leitura trágica do conhecimento**. São Paulo: Edições Rosari, 2003.

WINE, Noga. **Pulsão e inconsciente: a sublimação como advento do sujeito**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

3.3. INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS

Foram feitas visitas a bibliotecas públicas e particulares, bem como à rede mundial de computadores. No entanto, observou-se que os materiais encontrados na internet são os mesmos encontrados e já utilizados, anteriormente, na problemática, justificativa e fundamentação teórica. Assim, optou-se por trabalhar apenas com livros.

A partir do material coletado, foi realizada inicialmente uma leitura exploratória a fim de se identificarem os materiais que melhor se adequariam à pesquisa. Posteriormente, foi realizada uma leitura seletiva, para determinar os materiais que de fato interessavam à pesquisa, de forma a contribuir na resolução do problema proposto. Com base na leitura seletiva, foi feita uma leitura analítica, cuja finalidade foi a de “[...] ordenar e sumariar as informações contidas nas fontes, de forma que estas possibilitem a obtenção de respostas ao problema de pesquisa.” (GIL, 2008, p.78). Por último, foi feita uma leitura interpretativa “[...] que tem por objetivo relacionar o que o autor afirma com o problema para o qual se propõe uma solução.” (GIL, 2008, p.79).

Durante as leituras realizadas, usou-se como método de tomada de apontamentos o fichamento dos textos e a seleção de seus pontos principais. As fichas foram armazenadas no formato eletrônico.

3.4 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados foi feita por meio de Análise de Conteúdo. De acordo com Bardin (1977, p. 133) este tipo de análise “[...] fornece informações suplementares ao leitor crítico de uma mensagem [...]”, podendo apoiar-se nos elementos constitutivos do mecanismo de comunicação: a mensagem e suporte ou canal. Este autor também coloca que a análise de conteúdo constitui num instrumento capaz de investigar as causas a partir dos efeitos.

A análise de conteúdos se deu por meio de categorização.

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias, são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão dos caracteres comuns destes elementos. (BARDIN, 1977, p.117)

As categorias foram elaboradas *a priori* e *a posteriori* foram criadas subcategorias destas, de forma a serem correlacionadas a partir do referencial teórico descrito. As categorias *a priori* foram: fatores psicológicos, ações realizadas por sujeitos sustentadas na epistemofilia.

As subcategorias elaboradas *a posteriori* a partir da categoria fatores psicológicos foram: busca pelo saber, curiosidade sexual infantil, alterações psíquicas e comprometimentos psicológicos, energia pulsional, satisfação direta e satisfação indireta, representante da pulsão: ideia e representante da pulsão: afeto, apoio, narcisismo, identificação, sublimação, linguagem como veículo da pulsão.

As subcategorias elaboradas *a posteriori* a partir da categoria ações realizadas por sujeitos sustentadas na epistemofilia foram: investigação no adolescente e adulto, atividades sublimadas, aprendizagem, criatividade.

3.4.1 Situação e ambiente da análise

Foi utilizada uma sala, com mesa e cadeira, sem fluxo de pessoas, sem ruídos e com boas condições de iluminação e ventilação.

3.4.2 Equipamentos e materiais

Quanto aos equipamentos necessários, foram utilizados os seguintes: computador, acesso à internet, impressora. Quanto aos materiais necessários, foram utilizadas folhas de papel, marcadores de texto, lápis, caneta, borracha.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Os dados coletados são apresentados na sequência, em forma de subcategorias que se encontram destacadas em negrito. Cada subtítulo corresponde a um objetivo desta pesquisa.

A análise, como dito anteriormente, foi realizada por meio da análise de conteúdo.

4.1 FATORES PSICOLÓGICOS QUE CONTRIBUEM NA SAÚDE MENTAL

As categorias referentes a fatores psicológicos foram pensadas, baseando-se nos dados expostos pelos autores selecionados, a partir de fatores que constituem ou auxiliam na estruturação do psiquismo do sujeito, por conseguinte contribuindo para a saúde mental do mesmo.

A **Busca pelo saber** está articulada à **curiosidade sexual infantil**. Tanto Laplanche (1989) quanto Buchvitz (1998) trazem essa correlação. A curiosidade sexual infantil surge a partir das inquietações da criança acerca das origens dos bebês, e também está relacionada ao complexo de Édipo. A criança vê no adulto a possibilidade de ter suas perguntas respondidas e deposita nele um suposto saber. Em suas investigações, a criança cria fantasias acerca de suas origens. No desfecho da conflitiva edípica, a curiosidade sexual infantil terá três destinos diferentes. O primeiro, como recalçamento; o segundo resiste ao recalçamento, mas fica ligado à sexualidade, produzindo um pensamento sexualizado, o que gera nas operações sexuais prazer e angústia; e o terceiro é considerado o destino mais adequado, pois a curiosidade sexual infantil é sublimada desde o princípio em curiosidade intelectual. Laplanche (1989) diz ainda que esse processo de transformação da curiosidade sexual infantil em curiosidade científica advém como pulsão de saber, ou pulsão epistemofílica. Essa pulsão comporta, por um lado, domínio e, por outro, a energia da visão.

Stotz (2003) e Ribeiro (2006) discorrem sobre a curiosidade sexual infantil e seus possíveis destinos, corroborando com o exposto acima. Stotz (2003) afirma ainda que, num mesmo sujeito, as características desses três destinos podem ser mescladas, o que se poderia pensar na forma como se produzirá a busca pelo saber e as implicações na saúde mental do

sujeito. Cabe ressaltar que os dois primeiros destinos acarretarão comprometimentos psicológicos ao sujeito.

Wine (1992) apresenta o saber estruturado como campo do simbólico, atrelado à rede de significantes. Essa autora aponta o significante como causa do gozo¹, sendo o saber o gozo do outro. Há um saber que é do campo do real que é o saber-fazer. O saber, num campo de análise em que um significante serve de intervenção neste campo de saber, possibilita o surgimento de uma nova verdade emanada da pulsão. Stotz (2003) diz que a sublimação pode acontecer como consequência da análise, contudo não pode ser incitada pela sublimação, pois a sublimação está ligada à capacidade individual de cada sujeito que, por sua vez, tem relação com a sua história de vida. Os sujeitos passam por um período de dominação da pulsão, precisando ceder ao prazer de uma pulsão direta. Coelho (2007) também traz a busca por uma verdade inerente ao sujeito no processo de análise: essa busca por saber sobre si seria objetivo da pulsão epistemofílica. A partir disso, poder-se-ia pensar no saber produzido na análise, atrelado à rede de significantes que são inerentes à linguagem, na qual se introduz um novo significante que abala o campo de saber já estruturado, ligando-se posteriormente a outro significante que produzirá um significado que, em análise, seria a resposta para a busca em saber sobre si mesmo, sobre uma verdade que é particular ao sujeito em análise.

Tomazelli (2003) traz a **busca pelo saber** como geradora de um impacto emocional. O processo de aquisição de conhecimento perpassa por um período de luto, em que o sujeito que busca conhecer precisa permitir-se realizar pequenas perdas. Esse autor pontua que conhecer implica entristecer-se, desiludir-se e constranger-se diante daquilo que pode ser conhecido, à medida que o conhecimento torna-se algo evasivo, que gera dúvidas, mas também um reconforto ante o futuro. A busca pelo saber está, assim, próxima de “uma catástrofe cognitiva”, pois, ao aproximar-se de uma nova verdade, nem sempre esse fato pode ser compreendido de imediato. É necessário um período de assimilação desses novos dados, até que possam ser integrados não apenas ao conhecimento existente, bem como a um novo saber. Pontua, ainda, que esse desejo de conhecer seria o impulso epistemofílico. Assim, tanto Tomazelli (2003) quanto Wine (1992) apontam uma via de sofrimento na busca pelo saber. Enquanto um fala que o sujeito se entristece e precisa fazer luto, e que “sem dor e paixão não há conhecimento”, o outro aponta o gozo como um dos fatores inerentes ao processo de inserção do significante no campo do simbólico e, por conseguinte, do saber. Vale frisar que

¹ O que pertence ao gozo é o ponto em que o corpo pactua com a linguagem. (KAUFMANN, 1996).

no campo do saber há sempre presente, o limite do saber – o não saber – que é a castração e disso o sujeito nada quer saber.

Buchvitz (1998) assinala que **alterações psíquicas e comprometimentos psicológicos** podem ser provenientes dos dois primeiros destinos da curiosidade sexual infantil. Ele pontua que o recalque ocorrido no primeiro destino pode ocasionar possíveis alterações psíquicas, como inibição em atividades intelectuais e outros comprometimentos psicopatológicos, contudo não especifica quais comprometimentos seriam esses. O segundo destino ocasionaria angústia e prazer gerados pela obsessão em investigar.

Laplanche (1989) fala na simbolização patológica, que consiste em um afeto não simbolizado, ou dessimbolizado, ser simbolizado no lugar de outro, não possibilitando abertura para um devir. O que acontece na simbolização patológica é próximo ao que acontece na compulsão à repetição e compulsão de destino, que consistem na repetição de mesmas experiências, denotando um traço de caráter imutável. A simbolização patológica pressupõe a idéia de que nem sempre somos sujeitos do símbolo, mas que podemos ser possuídos por ele. Laplanche (1989) assinala também o conflito psíquico existente entre as pulsões sexuais e as de autoconservação como fator desencadeante de um distúrbio psicogênico. Para ele, o sintoma surge como produto do recalque, proveniente de um conflito neurótico. Pontua também que o sintoma tem sua mola nas fantasias, e fantasias sexuais infantis.

Tomazelli (2003) diz que a existência de um superego gerador de um mundo interno de medo, angústia e tormento se transforma na instância que produz as inibições intelectuais nos processos cognitivos.

Diante do exposto, o que se percebe é que na subcategoria **alterações psíquicas e comprometimentos psicológicos**, o fator mais presente descrito por esses autores consiste na inibição intelectual. Essa inibição poderia ser relacionada ao sintoma mencionado por Laplanche (1989), apontado como produto do recalque. O recalçamento está atrelado ao superego, apresentado por Tomazelli (2003) como gerador de medo, angústia e tormento que se articulam à inibição intelectual. Assim, o impulso epistemofílico, ou pulsão de saber, que produz uma investigação espontânea, que visa compreender os diversos fatores relacionados à vida, acaba por ceder lugar a uma compreensão pautada no medo e na submissão, barrando a manifestação livre da curiosidade. Poder-se-ia inquirir, também, acerca disso, sobre a relação da inibição intelectual com a simbolização patológica. Na simbolização patológica, o sujeito fica “preso” a uma forma de funcionamento que se repete nas experiências e, nesses casos, na experiência de dificuldades e fracassos frente ao processo de conhecer. Essas experiências

voltariam ao processo de geração de sintomas, estando estes relacionados às fantasias criadas pelo sujeito e, por que não dizer, também às fantasias sexuais infantis. Essas fantasias presentes no processo de investigação infantil, concernente à própria origem do infante, ao sofrer a introdução da lei paterna, representante do superego, imposta no complexo de Édipo, teria como um dos possíveis destinos a inibição intelectual?

Ao falar em **energia pulsional**, Wine (1992) a expõe como fator que promove inscrições no inconsciente. Para ela, a energia pulsional pura pertence ao campo do real, anteriormente à sua inscrição no campo do simbólico, enquanto representação. O campo do real está além da linguagem e também além do princípio do prazer. Essa energia pulsional, inesgotável, por ter uma pressão gerada por sua força constante, é maior do que a possibilidade de captação da rede de significantes e do campo dos representantes, promovendo um trabalho constante ao aparato psíquico, na tentativa de capturar o que sobra disso, do que a linguagem não consegue dar conta de inscrever no campo do simbólico. A energia pulsional é um dos fatores capazes de interferir na compulsão à repetição, à medida que, como dito anteriormente, essa energia é capaz de promover novas inscrições no inconsciente e não apenas a de decifrar o que já está inscrito via linguagem no processo de análise, trabalhando-se a elaboração da história do sujeito e tendo como referência sua realidade psíquica que, por sua vez, é sustentada pelo real da pulsão.

Isso posto, pode-se relacionar ao apresentado no referencial teórico desta pesquisa, quando Cruxên (2004) e Garcia-Roza (1995) apontam a pulsão como uma construção humana que está regida não só pelo princípio do prazer, mas há um além do princípio do prazer que articula essa energia pulsional com as zonas erógenas e as representações sociais e apontam, também, possíveis destinos para essa energia pulsional, de acordo com o representante da mesma. E como Wine (1992) faz uma relação da energia pulsional ao processo de análise, pode-se também relacionar ao que já foi posto anteriormente, no que concerne ao processo de análise. Sabendo-se que a análise aumenta a possibilidade sublimatória, a sublimação é um dos possíveis destinos da pulsão, sendo esse destino considerado o mais satisfatório.

A **Satisfação direta** e a **satisfação indireta**, para Laplanche (1989), estão ligadas à fonte da energia pulsional. A satisfação direta está ligada à fonte direta que, por sua vez, está ligada à sexualidade infantil pré-genital. A satisfação indireta está ligada às fontes indiretas, que são aquelas que correspondem a tudo que passa pelo organismo do sujeito “e cumpre entender o organismo como uma totalidade soma-psíquica – pode tornar-se fonte de sexualidade” (LAPLANCHE, 1989, p. 50), tais como atividade muscular, atividades

duradouras ou momentâneas, processos afetivos, trabalho intelectual. Referente a isso, Laplanche (1989, p. 50) cita Freud que diz: “É de se admitir que nada de importante ocorra no organismo sem fornecer um componente para a excitação da pulsão sexual”.

Assim, de acordo com o referencial teórico, a fonte da pulsão é um processo somático, da ordem do corpo, em que o estímulo é representado no psiquismo pelos representantes da pulsão (ideativo e afetivo). E a satisfação é atingida a partir de sua fonte que, mesmo que seja indireta, terá como componente o corpo ou uma parte deste.

Wine (1992) e Laplanche (1989) expõem acerca do **representante da pulsão, a idéia**, e do **representante da pulsão, o afeto**. Para Wine (1993), a energia pulsional parte do corpo, dispersa-se e só ao atravessar o psiquismo do sujeito vai gerar seu canal de escoamento. Esse domínio do psiquismo sobre a energia pulsional se dá por meio da criação ou formação de representantes que, como é o caso da rede de significantes, vai conseguindo estreitar a pulsionalidade dispersa, promovendo sentido e direção à mesma. Essa energia pulsional recorta um objeto do mundo, contornando-o, sem, contudo, escoar-se por inteira e, ao retornar, traz consigo um novo significante, que se inscreve no psiquismo, ampliando dessa forma a rede de significantes. Laplanche (1989) pontua que não é a pulsão que representa o corpo e sim aquilo que é representado no psíquico, por dois representantes, o representante afeto e o representante-representação.

Isso vai ao encontro do exposto no referencial teórico ao se falar no objeto e na fonte da pulsão. O objeto da pulsão sempre busca atingir uma satisfação que está articulada à história de vida do sujeito e também ligada ao desejo e às suas fantasias infantis. A fonte consiste em um processo somático da ordem do corpo, trata-se de um estímulo para o psíquico, fazendo-se presente neste por seus representantes: o ideativo e o afetivo. Assim, tanto as satisfações diretas quanto a indireta relacionam-se com o objeto e fonte da pulsão.

Apoio é apresentado por Laplanche (1989) como um fato em que a pulsão sexual apoia-se na pulsão de autoconservação. O apoio possui dois tempos: um tempo em que a pulsão sexual se apóia na autoconservação e um tempo de desligamento; “o apoio é, pois, a relação original dos dois tipos de pulsões, relação que é feita, ao mesmo tempo, de apoio, mas também de tomada de distância (LAPLANCHE, 1989, p. 45).

Wine (1992) também discorre acerca do apoio em dois tempos, em que os registros da conservação e o pulsional que necessita da marcação do objeto tornam-se um registro, não sendo possível a observação diferenciada. Para ela, a noção de apoio designa ainda, a possibilidade de apoiar-se em um significante que sobra na tentativa de encontrar a satisfação plena através de um objeto, ascendendo assim à ordem simbólica. “O fato de ele

recortar para si o seio como objeto, e não o próprio leite, já é sugestivo. Seu objeto é parte do outro que lhe transmite o acesso ao Outro – a ordem simbólica – e oferece possibilidade de identificação.” (WINE, 1992, p. 43).

Freud (1905), ao discorrer sobre a sexualidade infantil e suas manifestações, fala do autoerotismo, que consistiria no primeiro tipo de manifestação dessa sexualidade, a qual se apoiaria inicialmente numa pulsão vital, a do aleitamento. Nesse momento, ainda não há um objeto, por isso é autoerótica, o corpo todo é erogenizado, não havendo zonas erógenas definidas.

Assim, percebe-se que a noção de apoio é introduzida inicialmente como um fator que possibilitaria a primeira aparição da sexualidade infantil e, a partir disso, o surgimento da noção de zonas erógenas, que denotariam outras possibilidades de manifestações sexuais infantis. O apoio ainda possibilita um novo funcionamento, utilizando-se de pulsões diferenciadas (pulsões vitais ou de autoconservação e sexuais), apropriando-se de suas características particulares, sem, contudo, no momento em que estas se unem, poderem ser observadas de forma diferenciada, pois tornam-se nesse momento em uma terceira pulsão, não original, mas que carrega a energia pulsional de ambas, como é o caso da pulsão epistemofílica, apontada no referencial teórico desta pesquisa.

O **narcisismo** é assinalado por Laplanche (1989) como um dos fatores que favorecem a via da sublimação, pois na passagem da libido narcísica à libido objetual, há uma abertura para o objeto e também uma passagem entre o investimento narcísico no ego e o investimento do objeto no mundo, por meio da identificação. Wine (1992) fala na transformação da libido objetual em libido narcísica como caminho universal para a sublimação, em que, mediante o trabalho efetuado pelo eu através da identificação, este se estrutura e amplia sua rede de significantes e a ligação entre os significantes. Essa autora pontua ainda que “[...] a dimensão narcísica é a capacidade de sublimação.” (WINE, 1992, p. 132).

Nasio (1995b) assinala a necessidade da intervenção do eu narcisista na sublimação, à medida que este favorece a atividade criadora da mesma. Stotz (2003) pontua o fato de a capacidade sublimatória ser espontânea e diferenciada para cada sujeito, tendo em vista a influência da história de vida do sujeito, bem como a plasticidade e maleabilidade da força pulsional, que favorece a capacidade de encontrar novas satisfações pulsionais, ou diferentes satisfações pulsionais com valor social.

Tomazzelli (2003) traz o **narcisismo** como oposto à subjetividade, e relaciona a ação do superego, enquanto idealizador que busca uma perfeição de mundo pautada no

narcisismo, onde esta realidade, por ser idealizada, distorce a observação e o contato com a realidade. Ele pontua ainda que a fuga à tristeza, necessária ao processo de conhecer, não é “aceita” naturalmente numa mente idealizada pela ação desse superego, por não querer sofrer, como seria a mente que se apresenta ao processo de conhecer e, em virtude disso, a subjetividade torna-se limite ao conhecimento e defeito de caráter narcísico.

Assim, o que se percebe é que, através do **narcisismo**, é possível que a rede de significantes leve a uma maior capacidade sublimatória, pois, ao sublimar e obter o reconhecimento do outro, fortalece-se a via sublimatória para aquela atividade sublimada, e quanto maior forem as possibilidades de satisfações do ego, maiores as possibilidades de sublimação em atividades diferentes. O narcisismo também pode ser visto, diante do exposto, como meio para uma forma de distorção da realidade, à medida que o superego cria uma realidade idealizada, pautada no narcisismo, isso posto no processo de conhecer.

A **identificação** é apresentada por Wine (1992) como um mecanismo que liga a pulsão à ordem significativa, mediante a substituição do objeto pelo sujeito, em que a energia pulsional não se escoia totalmente no objeto, então parte da energia que sobra retorna, trazendo consigo um significante, que operará uma sujeição à ordem simbólica.

Laplanche (1989) fala em identificação simbólica entre o objeto sexual e o objeto de autoconservação que produziria a sublimação à medida que teria metas e objetos indiretamente sexuais.

Tomazelli (2003) pontua a identificação projetiva, que consiste num mecanismo de invasão narcísica que leva conteúdos de um eu para outro, quando estes são insuportáveis para o sujeito, não conseguindo responder por sua parte. Trata-se, para ele, de um tipo de comunicação primitiva entre mãe e bebê, que pode ser tanto destruidora quanto importante para nutrir a vida emocional que está sendo constituída. Ele relaciona essa identificação projetiva ao processo cognitivo. Relata que, na maioria das vezes, a perfuração ocasionada no psiquismo remete à ação silenciosa de mecanismos complexos que induzem a uma regressão narcísica, tornando a mente mecânica. Fala também que o movimento chamado por Melanie Klein de projeção pode servir de defesa, visando esvaziar o psiquismo dos excessos emocionais dos quais se deveriam dar conta. Por fim, acentua que há uma relação entre isso e os processos primários de aquisição de conhecimento nas instituições de ensino. Para ele, a relação mãe-bebê existente inicialmente é transposta, posteriormente, para uma relação mestre-aluno, quando também há uma transmissão inconsciente de grandes cargas afetivas que o sujeito deve suportar ou compreender, tratando-se de algo que perpassa gerações.

O que se poderia pensar a partir do exposto, concernente à **identificação**, é que esta se traduz em um mecanismo, presente na relação mãe-bebê, que introduz o primeiro significante, à medida que a energia pulsional não se escoia totalmente ao objeto, mas parte dela retorna, operando uma sujeição simbólica. Esse primeiro significante que originará a rede de significantes se utilizaria da identificação projetiva, levando conteúdos de um eu para outro eu, pois esses conteúdos seriam insuportáveis para o sujeito, inicialmente, pelo fato de não ter sua rede de significantes estruturada de forma a dar conta dos afetos existentes. Os efeitos disso seriam percebidos, posteriormente, nos processos cognitivos de apreensão de conhecimento, principalmente em instituições de ensino, onde a díade mãe-bebê seria substituída pela relação mestre-aluno, em que os afetos circulariam entre o professor e o aluno até que este consiga dar conta dos mesmos.

Poder-se-ia relacionar isso também à identificação simbólica apresentada por Laplanche (1989), em que o objeto sexual e o de autoconservação seriam sublimados através de um investimento com simbolismo sexual, pertencente às pulsões do ego. Conforme dito no referencial teórico, a sublimação teria também a função de ser uma das defesas do eu contra a descarga total da pulsão sexual. Assim, via sublimação, é possível canalizar os afetos, ou energia pulsional, em pulsão de saber, ampliando as redes de significantes que circulariam entre os sujeitos.

A **sublimação** é apresentada por Buchvitz (1998) que alega que, de acordo com Freud, trata-se de um processo de explicar atividades humanas sem relação com atividades sexuais, mas que encontraria na pulsão sexual sua força. Esse autor diz também que a sublimação é uma via que possibilita à investigação infantil ceder lugar para outras investigações intelectuais.

Laplanche (1989) pontua que a sublimação seria uma via capaz de processar a atração das pulsões sexuais que repercutem sobre funções somáticas, servindo no indivíduo como energia para outras atividades sem cunho sexual. Assim, a sublimação opor-se-ia ao recalque e, conseqüentemente, ao sintoma.

Wine (1992) apresenta a sublimação como uma descarga pulsional que tem por essência a capacidade do psiquismo em utilizar a energia pulsional que o invade, retendo-a parcialmente, conseguindo, assim, ampliar-se e estruturar-se. Isso ocorreria através da introdução de um significante no campo do saber, irrompendo uma verdade subjetiva, abalando este campo.

Dessa forma, conforme exposto no referencial teórico, a **sublimação** revela a relação entre as forças pulsionais infantis, que podem resultar em formação de sintomas por

meio de recalçamento. Quando se pensa na sublimação como uma descarga pulsional, na qual a energia descarregada não se escoia totalmente para o objeto, mas sua essência está justamente no fato de reter parte dessa energia de forma a ampliar e estruturar o psiquismo, pode-se articular ao dito por Nasio (1995b), quando este afirma que a sublimação não é apenas a capacidade ou aptidão de atingir novas satisfações, mas também a de passar de uma satisfação a outra e, a partir dessas satisfações, uma forma de o psiquismo do sujeito ir estruturando-se e ampliando-se.

A **linguagem como veículo da pulsão** é apontada por Wine (1992), ao dizer que “o conceito de pulsão pressupõe a linguagem e a ordem simbólica”. Para a autora, é o surgimento da palavra que possibilita a ordem humana. Ou seja, a linguagem, enquanto voz gramatical da pulsão, não é meramente ativa ou passiva, mas sim, numa interação entre essas duas, surgiria a voz reflexiva, que tem um caráter circulatório, na qual o sujeito torna-se objeto para si próprio, originando, a partir disso, a capacidade de pensar e refletir. Assim, o sujeito visa dominar sua pulsionalidade, fazendo-se olhar ou sentindo dor, sendo sujeito e objeto de reflexão dele próprio, clivando-se. Dessa forma, os significantes funcionam aos pares. Essa antítese sujeito-objeto está presente em atividades intelectuais. A circularidade, mencionada anteriormente, remete à reversão da pulsão, a qual diz respeito ao alvo, em que este não tem apenas o objetivo de satisfazer uma pulsão, pois se fosse dessa forma, a energia pulsional seria totalmente escoada para o objeto, o que não ocorre pelo fato de, para poder retornar para si, é necessário que reste energia pulsional. Essa autora afirma, ainda, que, ao retornar para si, a energia pulsional é que se constitui enquanto sujeito estruturado na linguagem, pois traz consigo um significante no qual se apóia.

Garcia-Roza (1995) destaca que o alvo da pulsão é invariável, mas que há caminhos possíveis para alcançá-lo, bem como alvos intermediários que resultariam em satisfações parciais, não por não haver métodos adequados para alcançar a satisfação plena, mas sim por se tratar de uma característica da pulsão. Ele menciona que, para Freud, o alvo da pulsão não seria apenas a busca de uma satisfação, mas de uma satisfação plena que já foi alcançada anteriormente na história de vida do sujeito, visando repetir-se continuamente através de outros objetos, tentando substituir o original.

Diante disso, o que se pode pensar, é que, na busca por satisfazer-se plenamente, a pulsão visa encontrar o objeto que lhe causou satisfação plena, e que está relacionada à história do sujeito, e que inscreveria o primeiro significante no psiquismo do sujeito. Contudo, como não consegue atingir esse objeto, a energia pulsional acaba por não escoar-se totalmente sobre os objetos substitutivos, sobrando energia pulsional para retornar para si, tomando o

sujeito como objeto e trazendo um novo significante que será inscrito no psiquismo do sujeito. Nesse processo, o inconsciente estrutura-se como uma linguagem.

4.2 TRABALHOS CIENTÍFICOS QUE RELACIONAM EPISTEMOFILIA E SAÚDE MENTAL

Os trabalhos encontrados e utilizados, que constam no item 3 desta pesquisa, não relacionam diretamente a epistemofilia e saúde mental. Foram encontrados outros trabalhos científicos sobre epistemofilia e saúde mental, contudo foram utilizados na problemática, justificativa e referencial teórico deste trabalho, não sendo usados, portanto, como fonte de dados para a análise.

4.3 AÇÕES REALIZADAS POR SUJEITOS E SUSTENTADAS NA EPISTEMOFILIA

Buchvitz (1998) apresenta a **investigação no adolescente e adulto** relacionando-a à pulsão de saber. Essa investigação inicialmente estaria pautada em questões sexuais, transmutando posteriormente em outras investigações, principalmente investigações científicas, já não de ordem sexual, mas com influências desta.

Tomazelli (2003) traz que, na investigação no adolescente e adulto, a existência da emoção facilitaria a abertura dessa investigação. Para ele, essa emoção deve ser suportada e tolerada, pois é importante para se significar o mundo, compreendendo que esse mundo é passível de entendimento. Ele afirma, também, que o sujeito que se abre à investigação precisa realizar uma pequena pausa, um pequeno adiamento, mas para que isso ocorra, o sujeito necessita de uma capacidade de lidar com pequenas frustrações ou tristezas exigidas no processo de adiar a realização da ação.

Assim, a **investigação no adolescente e adulto**, pensando-se a partir do referencial teórico, está ligada à pulsão de saber, atrelada inicialmente às investigações sexuais infantis, sendo substituída posteriormente por outras atividades de investigação: poder-se-ia dizer que por todas as formas de investigação, e não somente as de cunho sexual, mas que encontram na pulsão sexual sua energia para a ação de investigar. A investigação

ainda instiga certa capacidade em lidar com frustrações ou tristezas, necessárias a esta ação, à medida que as emoções suscitadas no processo de significação do mundo e de compreensão do mesmo precisam de uma pausa, de um período de adiamento.

Buchvitz (1998) assinala **atividades sublimadas**, como provenientes da capacidade da pulsão sexual de sublimar-se em atividades diversas. Ele diz que, para Freud, a maioria das pessoas consegue orientar a pulsão sexual para a atividade profissional. E afirma, ainda, que, ao sublimar a pulsão sexual, o sujeito volta-se para atividades relacionadas à produção científica e artística, bem como para todas as atividades que promovam bem estar e qualidade de vida aos sujeitos.

Laplanche (1989) menciona, a partir de Melanie Klein, a gênese das atividades sublimadas que se dão em três tempos. Num primeiro tempo, haveria uma identificação entre o objeto sexual e o não sexual; num segundo momento, há um desligamento do não-sexual no simbolismo presente na identificação; e no terceiro momento, há a fixação da atividade. Também assinala que as atividades sublimadas têm vínculo com a perversão, pois o que é essencialmente sublimado são as tendências perversas polimorfas, ou seja, as tendências pré-genitais, presentes no infante. Ao falar no caso de Leonardo Da Vinci, Laplanche (1989) cita a atividade intelectual e a atividade artística presentes na sua vida, como sendo atividades sublimadas.

Tomazelli (200) considera o interesse em conhecer como uma “paixão desmedida”, oriundo da pulsão epistemofílica, sendo, portanto, o conhecimento uma pulsão.

Wine (1992) comenta que as atividades sublimadas produzem um gozo, ao se produzir um significante novo tanto para o sujeito que realiza essa atividade, quanto para o que recebe a ação. Cita como exemplo o artista que goza ao produzir sua obra e, produzindo consequentemente um novo significante, que seria recebido pelo público, propicia a este público um novo sentido às suas pulsões. Segundo ela, isso ocorre mediante a linguagem, referindo-se ao significante, que serve para aliviar as tensões ou energia pulsional existentes nos sujeitos que recebem essa obra, nos quais também produz um gozo.

Assim, o que se percebe é que nem todas as **atividades sublimadas** são provenientes da epistemofilia, mas toda ação sustentada na epistemofilia é sublimada. Poder-se-ia correlacionar à atividade sublimada as satisfações substitutivas, apresentadas por Freud como uma forma de aliviar o sofrimento psíquico do sujeito e que estão relacionadas à constituição da civilização ou sociedade, por abarcar a dimensão intelectual, científica, artística e religiosa. Isso ocorre pelo fato de as atividades sublimadas produzirem significantes tanto no sujeito que realiza a ação quanto nos sujeitos que teriam contato com o produto desta

ação, ampliando, portanto, a rede de significantes em cada sujeito. Pensando-se no exposto por Stotz (2003), a epistemofilia está ligada a outras atividades, à medida que remete à curiosidade infantil transformada em desejo pela pesquisa presente no desenvolvimento intelectual do indivíduo.

De acordo com Buchvitz (1998), a **aprendizagem** tem relação com a temática sexual proveniente da curiosidade sexual infantil, pois a sublimação da energia pulsional existente na curiosidade infantil impulsiona o desenvolvimento do saber. O autor sugere, também, que a aprendizagem não pautada na pulsão de saber ou epistemofilia implica prejuízos no desenvolvimento cognitivo, dificultando, assim, a aprendizagem, em se tratando de impulsos recalcados.

Tomazelli (2003) menciona que a aprendizagem envolve manifestações emocionais como dor, tristeza, luto e pensamento, perdas, teorias, impotência e criatividade. Essas manifestações podem ser expressas como apatia, desânimo, preguiça, irritação. Com isso, o sujeito em processo de aprendizagem acaba por aparentar certa incapacidade em organizar suas representações internas resultantes da angústia gerada pela energia pulsional existente no ato de conhecer, quando essas representações internas e singulares são transformadas em conhecimento, atingindo a cognição. Esse problema cognitivo, relacionado à aprendizagem, está vinculado à dor pessoal ligada à capacidade de suportar essa experiência emocional, em que há um misto de sofrer e conhecer que é inerente à condição humana. Para esse autor, então, a aprendizagem envolve um jogo sadomasoquista, pelo fato de o sujeito colocar-se à mercê de outro, a fim de receber o conhecimento que este possui, num contexto influenciado pela idealização presente no mesmo, perdendo-se, assim, de forma inconsciente, na paixão por conhecer.

Diante do exposto, o que se percebe é que a **aprendizagem** consiste em uma ação, relacionada a conteúdos sexuais provenientes da curiosidade sexual infantil, sublimados em pulsão de saber, impulsionando o desenvolvimento cognitivo. Aprendizagem envolve também uma relação em que o sujeito sente dor e prazer nesse processo, sujeitando-se ao outro que possuiria o conhecimento, sendo este outro um sujeito ou uma instituição. As emoções provenientes do processo de aprender influenciam também o desenvolvimento cognitivo, à medida que a forma como o sujeito lida com as emoções suscitadas permitam maior ou menor capacidade de representar singularmente as emoções resultantes da angústia proveniente da energia pulsional. Chaves (2001), ao discutir a relação da aprendizagem com capacidade intelectual e dificuldades inerentes ao processo de apropriação de um saber, fala da

importância da pulsão epistemofílica nas questões de apreensão de conhecimento, considerando essa pulsão a responsável pela apreensão do mesmo.

Tomazelli (2003), ao falar em **criatividade**, menciona que o ato criativo está vinculado à arte, à ciência, à imaginação, à cognição ou às ações cotidianas. Esse ato criativo geraria uma ansiedade no sujeito. Ele assinala também a existência de aflição e intolerância no processo criativo, passíveis de observação pela frieza e inibição afetivas, empetrando a cognição, tornando o sujeito incapaz de sentir emoções acerca do objeto criado, ou de sua criação. Isso poderia estar relacionado a fantasias infantis, presentes nas posições de defesa do eu, perpassando todo o trabalho psíquico de representar o mundo.

Buchvitz (1998) tece comentários acerca da criatividade em Leonardo Da Vinci, relacionando-a à pulsão de saber, tanto na facilidade de criação quanto na inibição relacionada a fantasias infantis.

Assim, o que se poderia pensar sobre a **criatividade**, é que esta está ligada à sublimação via pulsão de saber, funcionando como uma defesa do eu, segundo Nasio (1995b), o qual menciona a sublimação como defesa, para lidar com as fantasias infantis. O ato criativo está, portanto, ligado à arte, ciência, imaginação, cognição e demais ações cotidianas. Percebe-se também que, no processo de criação, há aflições e intolerâncias, provenientes das emoções suscitadas pelas fantasias, tornando-se uma defesa do eu. Aí entra a sublimação que, conforme exposto no referencial teórico, funciona como uma defesa do eu, contra excessos pulsionais descarregados sobre o psiquismo do sujeito. Diante disso, a criatividade poderia funcionar como um facilitador para compreender o mundo através de representações criadas deste, exigindo trabalho psíquico para a significação deste mundo que se apresenta.

4.4 RELAÇÃO ENTRE FATORES PSICOLÓGICOS E AÇÕES SUSTENTADAS NA EPISTEMOFILIA

Após descrever fatores psicológicos que interferem na saúde mental do sujeito e ações pautadas na epistemofilia, cabe neste momento, relacionar estes dados, a fim de se ter uma melhor compreensão da implicação dessas ações na saúde mental.

A **investigação no adolescente e adulto** está relacionada à **busca pelo saber** e à curiosidade **sexual infantil**. Para que haja a ação de investigar, é necessária a **energia pulsional** advinda da busca pelo saber. A curiosidade sexual infantil, tendo três possíveis

destinos, influencia a maneira como ocorrerá a investigação no adolescente e adulto. Os dois primeiros destinos que advêm pelo recalque causam **alterações psíquicas e comprometimentos psicológicos**, como a inibição intelectual. Assim, a investigação no adolescente e adulto, se for influenciada pelos dois primeiros destinos da curiosidade sexual infantil, torna-se inibida. Aliada a isso, a busca pelo saber traz consigo a necessidade de se lidar com emoções inerentes ao processo de aquisição do conhecimento, tais como tristeza, desilusão, luto do conhecimento. Portanto, a investigação pode tornar-se, retomando o que Laplanche (1989) disse a respeito de simbolização patológica, um sintoma que fica “preso” à compulsão de repetição no tempo ou compulsão de destino, o que poderia ocasionar dificuldades de aprendizagem.

A busca pelo saber, influenciada pelo terceiro destino da curiosidade sexual infantil, em que esta curiosidade é sublimada desde o início, favorece a investigação, à medida que, através da sublimação, produz significantes que possibilitam o surgimento de uma nova verdade emanada da pulsão. A sublimação possibilita um destino diferente para a sexualidade, de forma a não ocasionar o surgimento de um sintoma. Assim, a investigação no adolescente e adulto pode seguir seu curso livremente.

As **atividades sublimadas**, por sua vez, estão relacionadas à **satisfação direta e indireta**, pois a **sublimação** sempre visa à satisfação, sendo capaz de encontrar novas satisfações pulsionais, sempre ligadas a fontes de energia pulsional. Como dito anteriormente, as atividades sublimadas são provenientes da capacidade de a pulsão ser sublimada em atividades diversas, que tenham uma valoração social, que promovam bem estar e qualidade de vida ao sujeito. Para que haja sublimação, outro fator torna-se importante, o **apoio**. O apoio consiste em que a pulsão sexual tenha apoio na pulsão de autoconservação. A partir desse apoio, uma pulsão pode surgir utilizando-se da energia das pulsões de autoconservação e sexual.

As atividades sublimadas têm sua gênese através da **identificação** entre os objetos, depois há o desligamento do não-sexual e, posteriormente, a fixação da atividade. Wine (1992) fala em identificação como um mecanismo que liga a pulsão à ordem significante, mediante a troca de objeto sem que a energia pulsional se escoe totalmente sobre o objeto. Assim, as atividades sublimadas também se relacionam com os **representantes da pulsão: idéia e afeto**. Nesse processo, a **linguagem como veículo da pulsão** serve para estruturar o inconsciente. Na busca por satisfazer-se plenamente, a pulsão visa encontrar o objeto que lhe causou a satisfação plena, contudo não o alcança, pois esse objeto está relacionado à história de vida do sujeito, que seria o primeiro significante. Como não

consegue atingi-lo, vai à busca de outros objetos que lhe causem satisfação parcial e, com isso, novos significantes são incorporados à rede de significantes que são os representantes da pulsão.

Wine (1992) fala que as atividades sublimadas produzem um gozo tanto a quem pratica a atividade quanto a quem recebe o produto dessa obra. Cria-se, portanto, um significante novo para quem sublima, bem como a produção da sublimação produz um novo sentido a quem recebe essa produção, criando também um novo significante. Isso ocorre devido à linguagem, que serve como uma forma de aliviar as tensões ou energia pulsional. Pode-se ainda relacionar o fato de as atividades sublimadas estarem ligadas ao **narcisismo**, ao passo que favorece a atividade criadora. Através do narcisismo, é possível que a rede de significantes tenha uma maior capacidade sublimatória, pois isso ocorre mediante o reconhecimento do outro.

Pode-se pensar, então, que o ato criativo, enquanto ligado à arte, ciência, imaginação, cognição e ações cotidianas, está relacionado às atividades sublimadas, isso a partir do exposto por Freud, quando discorre acerca das satisfações (arte, ciência, trabalho e religião), em que essas satisfações são criadas pelo sujeito em sua relação com a vida cotidiana.

O ato criativo envolve aflição e intolerância, observáveis como frieza, inibição afetiva, que dificultam a capacidade de o sujeito emocionar-se diante do objeto criado, devido a fantasias infantis presentes nas defesas do eu que perpassam todo o psiquismo do sujeito. Percebe-se, diante disso, que a criatividade está relacionada à **busca pelo saber**, envolvendo questões emocionais que necessitam perpassar por um momento de luto, por um momento de adiamento, para que o conhecimento possa ser integrado ao psiquismo do sujeito, através da **linguagem como veículo da pulsão**, em que um significante abala o campo do saber, estruturado enquanto campo simbólico. A criatividade está, então, relacionada à **sublimação**, tanto favorecendo atividades sublimadas como se servindo da sublimação via pulsão de saber, funcionando como uma defesa do eu, conforme exposto por Nasio (1995b), quando fala na sublimação como defesa contra as descargas totais da pulsão e deduz que a criatividade poderia, assim, servir também de defesa para lidar com as fantasias infantis.

A **aprendizagem**, enquanto ação pautada na epistemofilia, tem relação com a **busca pelo saber** e, por conseguinte, com a **curiosidade sexual infantil**, devido à energia pulsional que impulsiona o desenvolvimento do saber, facilitando, assim, a aprendizagem.

O processo de aprender envolve, como dito anteriormente, manifestações emocionais de dor, perdas, luto, pensamento, impotência e criatividade, podendo ser

manifestas como apatia, desânimo ou preguiça. O que se percebe é que o sujeito em processo de aprendizagem acaba por apresentar certa incapacidade de organizar suas representações internas, geradas pela energia pulsional. Neste ponto, caberia à linguagem, como veículo da pulsão, fazer com que o saber se estruture enquanto campo simbólico, possibilitando a organização da rede de significantes. Esse problema cognitivo, relacionado à aprendizagem, conteria um misto de sofrer e conhecer, e a capacidade de lidar com este conflito resultará numa aprendizagem mais prazerosa. Aqui entra a sublimação como uma via de satisfação pulsional, servindo tanto de defesa do eu como também servindo de capacidade de substituir um objeto sexual por outro valorizado socialmente, sendo necessária, assim, a intervenção através do **narcisismo**, para possibilitar à rede de significantes uma maior capacidade sublimatória. Cabe ressaltar que existem várias formas de aprender e uma delas é via sublimação.

Diante disso, percebe-se que as ações pautadas na epistemofilia relacionam-se entre si, bem como com os fatores psicológicos apresentados. Pois a investigação no adolescente e adulto é uma ação que facilita a aprendizagem, que pode ser possibilitada através da criatividade e essas três ações culminam nas atividades sublimadas. Cabe lembrar, conforme exposto anteriormente, que nem todas as atividades sublimadas são provenientes da epistemofilia, mas que estas podem mesclar-se.

Isso pode ser pensado a partir da compreensão da plasticidade pulsional e da maleabilidade das pulsões, bem como da capacidade da sublimação de servir de passagem de uma satisfação a outra. Dessa forma, as ações pautadas na epistemofilia podem mesclar-se ou transmutar-se, para atingir novas satisfações, visando manter o equilíbrio do psiquismo. Para isso, os fatores psicológicos apresentados são indispensáveis, pois sem eles não seria possível atingir a sublimação.

Percebe-se, então, que, através da epistemofilia, ou de ações pautadas na epistemofilia, via sublimação, a pulsão sexual encontra uma nova meta, um novo alvo que produz a saúde mental do sujeito.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema central desta pesquisa se refere à articulação entre epistemofilia e saúde mental. Para tanto, utilizou-se da sublimação, considerada tanto uma defesa do eu quanto um mecanismo capaz de substituir um objeto sexual por outro objeto não sexual e valorizado socialmente. Cabe ressaltar que esta pesquisa teve delineamento bibliográfico e utilizou-se de quatro autores como fonte de dados, especificados no capítulo 3 desta pesquisa.

O objetivo geral desta pesquisa consistiu em verificar quais implicações da epistemofilia na saúde mental podem ser percebidas em ações realizadas por sujeitos, descritas na literatura científica. Para que se pudesse atingir esse objetivo, foram elaborados e atingidos quatro objetivos específicos desta pesquisa, elucidados a seguir.

Acerca do objetivo específico *Descrever fatores psicológicos que contribuem na saúde mental do sujeito*, observou-se que esses fatores estão relacionados entre si no que concerne à estruturação do psiquismo do sujeito, promovendo a saúde mental ou, em alguns casos, causando comprometimentos psíquicos. O fator mais presente foi a busca pelo saber, que está atrelada à curiosidade sexual infantil e seus três possíveis destinos. Os dois primeiros destinos podem causar inibição intelectual, comprometendo o desenvolvimento intelectual. A busca pelo saber envolve, ainda, questões emocionais, como tristeza, desilusão, luto pelo conhecimento, que podem trazer sofrimento ao sujeito, caso ele não consiga lidar com as frustrações que a busca pelo conhecimento impõe. A sublimação, nesse contexto, serve como defesa do eu contras as fantasias. Além disso, dependendo da dimensão narcísica, poderá haver maior capacidade sublimatória, causando uma valorização social da busca pelo saber e inscrevendo novos significantes na rede de significantes.

Sobre o objetivo *Identificar trabalhos que relacionem epistemofilia e saúde mental*, não foram encontrados trabalhos científicos que relacionem de forma direta essa temática, mas apenas de forma indireta, vinculados à sublimação.

A respeito do objetivo *Verificar ações realizadas por sujeitos e sustentadas na epistemofilia, descritas em textos científicos*, foram apresentadas e descritas quatro subcategorias: investigação no adolescente e adulto, atividades sublimadas, criatividade e aprendizagem. Percebeu-se que as atividades sublimadas podem ser sustentadas na epistemofilia, mas não necessariamente. Essas atividades podem se mesclar à medida que a epistemofilia remete à curiosidade infantil transformada em investigação científica. A investigação no adolescente e adulto também pode estar sustentada na epistemofilia, pois se

utiliza da energia pulsional para sua ação. Percebeu-se que essa investigação envolve emoções diversas, inerentes à busca pelo conhecimento, como dito anteriormente. A criatividade se apresenta como uma saída para se lidar de forma mais adequada com os sofrimentos provenientes do processo de conhecer, facilitando a aprendizagem. A aprendizagem, por sua vez, consiste em uma ação sustentada na epistemofilia, impulsionando o desenvolvimento cognitivo. E também pode envolver uma relação sadomasoquista, em que o sujeito sente dor e prazer nesse processo. As emoções advindas disso podem influenciar também o desenvolvimento cognitivo: se sustentadas na epistemofilia, podem favorecer esse processo e, se não forem sustentadas na epistemofilia, podem trazer prejuízos ao desenvolvimento intelectual, conforme dito anteriormente.

Quanto ao objetivo *Relacionar os fatores psicológicos que contribuem para a manutenção da saúde mental do sujeito com ações sustentadas na epistemofilia*, constatou-se que os fatores psicológicos relacionam-se entre si, bem como as ações, a fim de contribuir para a saúde mental de sujeito. As ações de investigação, criatividade e aprendizagem pautadas na epistemofilia, ao relacionarem-se entre si, culminam em atividades sublimadas. Isso ocorre mediante a plasticidade e a maleabilidade pulsional, bem como o fato de a sublimação servir de passagem de uma satisfação a outra. Assim, o sujeito, ao realizar ações pautadas na epistemofilia, via sublimação, encontra uma nova meta, um novo alvo, para a pulsão sexual, que tem como efeito a saúde mental.

Diante da elucidação dos objetivos específicos, e pensando-se nas temáticas estudadas sobre pulsão, sublimação e saúde mental, apresentadas no referencial teórico, cabe retomar a pergunta problema desta pesquisa, a fim de respondê-la a partir dos dados apresentados.

Quais as implicações da epistemofilia na saúde mental de um sujeito e que podem ser percebidas em suas ações e descritas na literatura científica?

Partindo do exposto, pode-se pensar em implicações da epistemofilia na saúde mental de um sujeito, relacionadas a tudo que deriva do ato de investigar, da busca pelo saber. A epistemofilia, via sublimação, impulsiona o desenvolvimento intelectual, evitando o surgimento de sintoma proveniente da barreira do recalçamento. A epistemofilia favorece o ato criativo, auxiliando no manejo das emoções (tristeza, desilusão, ansiedade, luto pelo conhecimento) advindas do processo de conhecer, que podem causar inibição intelectual, aparente incapacidade de significar o mundo de forma singular.

Assim, as implicações da epistemofilia podem estar relacionadas à vida cotidiana do sujeito, já que a investigação, tendo como base a curiosidade infantil, é inerente à própria

condição humana. A epistemofilia pode mesclar-se, devido à plasticidade e maleabilidade pulsional, a outras formas de satisfação substitutivas, que visam lidar com o sofrimento advindo da cultura, como a arte, a religião e o trabalho. Podendo promover a saúde mental ao sujeito.

Pensando em saúde mental, articulando a epistemofilia à própria temática, ao se falar nas dimensões da reforma psiquiátrica, a epistemofilia impulsionaria essas dimensões que visam reformular a forma de atendimento ao sujeito com transtorno mental, bem como modificar a forma de a sociedade perceber a “loucura”. Assim, a epistemofilia atua tanto no sujeito, produzindo significantes, quanto produzindo significantes que serão incorporados à cultura e, posteriormente, esses significantes da cultura influirão no sujeito novamente, produzindo novos significantes, produzindo novos conceitos e saberes difundidos na sociedade.

Referente às facilidades e dificuldades encontradas durante a realização dessa pesquisa, destaca-se como facilidade o fato de a mesma ser bibliográfica, não necessitando da disposição de sujeitos para a sua realização. Como dificuldade, destaca-se o próprio processo de construção da pesquisa e da aquisição de conhecimentos advindos desse processo. Percebeu-se o quanto a aprendizagem e o conhecer suscitam emoções diversas, com as quais precisamos lidar e que, por vezes, nos fazem sofrer, ter angústias diante do novo que se apresenta. Mas não consiste apenas em sofrimento, há também o prazer da descoberta, de conseguir compreender e articular conceitos obtendo um sentido, um novo significante. O próprio processo de conhecer impõe um luto da posição de se atingir um saber completo, sendo que o saber é sempre não-todo. O saber alcançado é a posição da ignorância, e isso remete a questão da castração. Em se tratando de um trabalho de conclusão de curso, percebeu-se que não se faz apenas o luto do próprio conhecimento, mas também surge uma sobrecarga emocional diferenciada, que é o próprio luto de “deixar a faculdade”, de ter que enfrentar uma nova realidade, uma nova profissão, tomar posse de um saber construído ao longo dos cinco anos de curso. Assim, as emoções que se apresentaram durante o processo de construção desta pesquisa, por vezes, dificultaram esse processo, bem como, em determinados momentos, foram úteis para o desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso.

Ressalta-se, ainda, que embora os objetivos desta pesquisa tenham sido atingidos, há necessidade de maior número de pesquisas sobre epistemofilia e saúde mental, já que as pesquisas encontradas não articulavam diretamente epistemofilia e saúde mental. Finalmente, como sugestão para próximas pesquisas, investigar se há diferença de gênero no que concerne

a uma maior capacidade sublimatória, da pulsão de saber, que podem ser identificadas através de ações sublimadas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Patty Fidelis de; SANTOS, Núbia Schaper. Notas sobre as concepções de clínica e ética na Reforma Psiquiátrica brasileira: impasses e perspectivas de uma prática em construção. **Psicologia ciência e profissão**. set. 2001, vol.21, no.3. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932001000300004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 25 de mar. 2008.

AMARANTE, Paulo. **Archivos de saúde mental e atenção psicossocial**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2003.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Edição 70, 1977.

BEZERRA, Benilton Jr. **Considerações sobre terapêuticas ambulatoriais em saúde mental**. In: TUNDIS, Silvério Almeida; COSTA, Nilson do Rosário (org). Cidadania e loucura: políticas de saúde mental no Brasil. 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. p.16-54

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Secretária de Atenção à Saúde. **Legislação em Saúde mental: 1990-2004** /Ministério da Saúde, Secretaria-Executiva, Secretária de Atenção à Saúde. 5. ed. ampl., Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

BUCHVITZ, Paulo Arthur. **Sublimação da sexualidade infantil**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

CHAVES, Maria de Fátima Monnerat Cruz. **Do aborrecer ao “Emburrecer.” De onde vem a “burrice”?** Florianópolis, 2001. 87f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção – UFSC, 2001.

COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas. Hamlet e o problema da verdade. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 23, n. 4, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722007000400013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 Aug 2008.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Atribuições profissionais do psicólogo no Brasil**. Disponível em: <http://www.pol.org.br/pol/export/sites/default/pol/legislacao/legislacaoDocumentos/atr_prof_psicologo.pdf>. Acesso em: 29 set. 2008.

CRUXÊN, Orlando. **A sublimação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. **Introdução à metapsicologia freudiana**. 3. Ed. V.3. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HOLMES, David S.. **Psicologia dos transtornos mentais**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

INSTITUTO FRANCO BASAGLIA. **Quem foi Franco Basaglia?**. Disponível em: <http://www.ifb.org.br/franco_basaglia.htm>. Acesso em: 18 out. 2008.

LAPLANCHE, Jean. **Problemáticas III: a sublimação**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

JUSTO, Glória. A pulsão epistemofílica nas teorias freudiana e lacaniana. **Stylus**, Rio de Janeiro, n.7, p. 109-120, out. 2003

KAHHALE, Edna M. P. Psicologia na saúde: em busca de uma leitura crítica e uma atuação compromissada. In: BOCK. Ana M. B. (org.) **A perspectiva sócio – histórica na formação em Psicologia**. Pretopolis: vozes, 2003.

KAUFMANN, Pierre. **Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

KUJAWA, Henrique; BOTH, Valdevir; BRUTSCHER, Volmir. **Direito à saúde com controle social**. Centro de Estudos em Políticas Públicas de Saúde. Passo Fundo, 2003.

KYRILLOS NETO, Fuad. Reforma Psiquiátrica e conceito de esclarecimento: reflexões críticas. **Mental**. dez. 2003, vol.1, no.1. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272003000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 25 de mar. 2008.

LANCETTI, Antonio; AMARANTE, Paulo. Saúde mental e saúde coletiva. In: CAMPOS, Gastão Wagner de Souza. **Tratado de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Política de saúde mental no Brasil**. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/saude/cidadao/visualizar_texto.cfm?idtxt=24134&janela=1>. Acesso em 18 out. 2008.

MOORE, Burness E.; FINE, Bernard D.. **Termos e conceitos psicanalíticos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

NASIO, Juan David. **Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995a.

NASIO, Juan David. **Os 7 conceitos cruciais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995b.

NUNES, Everardo Duarte. Saúde coletiva: Uma história recente de um passado remoto. In: CAMPOS, Gastão Wagner de Souza. **Tratado de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

PROJETO TIME DA MENTE, Universidade do Sul de Santa Catarina, setembro, 2006.

RESENDE, Heitor. Política de saúde mental no Brasil: uma visão histórica. In: TUNDIS, Silvério Almeida; COSTA, Nilson do Rosário (org). **Cidadania e loucura: políticas de saúde mental no Brasil**. 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. p.16-54

RIBEIRO, Leticia. Freud e o desejo de saber: considerações sobre a pulsão epistemofílica. **Revista da sociedade de psicologia do Rio Grande do Sul**, v. 5, n. 1, 2006 .

ROSSATO, Verginia Medianeira Dallago, MELLO, Teresinha Aparecida Pereira de, PIRES, Fábio Becker et al. Práticas desinstitucionalizadoras em uma unidade de internação psiquiátrica. SMAD, **Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drogas**. ago. 2006, vol.2, no.2. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762006000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 25 de mar. 2008.

SANTOS, Núbia Schaper, ALMEIDA; Patty Fidelis de; VENANCIO, Ana Teresa *et al.* A autonomia do sujeito psicótico no contexto da Reforma Psiquiátrica brasileira. **Psicologia ciência e profissão**. dez. 2000, vol.20, no.4. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932000000400006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 25 de mar. 2008.

SORDI, Regina Orgler. A constituição da inteligência: uma abordagem psicanalítica. **Psicologia Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, 2005 . Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722005000300007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 Ago. 2008.

STOTZ, Maria do Rosário. **O trabalho como possibilidade de satisfação pulsional: sublimação**. 2003. 197 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

STRACHEY, J., SALOMÃO, S., Salomão, E. (org.) **Edição eletrônica Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago. [2000] – 1 CDROM.

TOMAZELLI, Emir. **Psicanálise: uma leitura trágica do conhecimento**. São Paulo: Edições Rosari, 2003.

TUNDIS, Silvério Almeida; COSTA, Nilson do Rosário. Cidadania, classes populares e doença mental. In: TUNDIS, Silvério Almeida; COSTA, Nilson do Rosário (org). **Cidadania e loucura: políticas de saúde mental no Brasil**. 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. p. 9-13

WINE, Noga. **Pulsão e inconsciente: a sublimação como advento do sujeito**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.